HINO NACIONAL BRASILEIRO

Letra: Joaquim Osório Duque Estrada
Música: Francisco Manuel da Silva

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó Liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores".

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro desta flâmula
- Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

SULAMERICANA

Luiz Fernando
luiz-f2003@hotmail.

Matéria/Materia

Professor(a)/Profesor(a)

Dados Pessoais/Informaciones Personales

Nome/Nombre:

Endereço/Dirección:

Cidade/Ciudad: CEP/C.P.:

Telefone/Teléfono: Celular:

E-mail:

Escola/Escuela:

Curso:

Série/Grado: Sala/Clase:

Nº de Chamada/Matrícula:

Provas/Exámenes

Dia/Fecha	Hora	Nota/ Calificación

Trabalhos/Trabajos

Dia/Fecha	Hora	Nota/ Calificación

Observações/Observaciones

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol._____ Nº. Pág._____
Visto

Wuldson - 9239-0830 -

SULAMERICANA

Adilza - (GIZILE) ~~36~~ 8118-6870.

Horário/Programación

	Segunda Lunes	Terça Martes	Quarta Miércoles	Quinta Jueves	Sexta Viernes	Sábado
1ª Aula						
2ª Aula						
3ª Aula						
4ª Aula						
5ª Aula						
6ª Aula						

Atividades Extras/Actividades Extra Programáticas

Atividade/Actividad	Dia(s) da/de la semana	Horário/Horario

Anotações/Apuntes y Notas

Faltas/Inasistencias

Jan/Ene	Jul
Fev/Feb	Ago
Mar	Set/Sep
Abr	Out/Oct
Mai/May	Nov
Jun	Dez/Dic

www.sulamericananet.com.br

S T Q Q S S D

28/9/09

A destinação deste caderno, a principiar por esta letra legível que sempre tento fazer, é não ter destinação, como um desencaminhado, um excumungado pelos vales às trevas cambiantes venho caminhando eu venho cantando e sentindo passando por tudo a um fio.
Antes de que chegue ao fim destas linhas impressas para eu delas me encher eu não vou mais saber contar e ser apenas uma máquina eu já sou, uma máquina doida que escreve à mão.
Além de tudo, é preciso dizer, que este caderno se destina a um fim próximo, de atuar como meu material espurgo, minha mais verdadeira disposição para pensar de forma a tratá-lo com o mais alto grau de intimidade ao mesmo tempo que destiná-lo ao nada e ao esquecimento é também aqui projeto. Pois no fundo nenhum escritor escreve para ser lido a não ser por si mesmo, nisto reside a sua vaidade, pois despreza e menospreza a todos, incluo-me dentre este que não é um tipo nem ao menos uma descrição de autor que não algo que fala de mim mesma.
Este caderno serve para anotar. Eu pressinto não mais conseguir escrever para alguém e por isso escrevi rapidamente este começo, antes que eu novamente fosse interceptada... Não escreve-se, escrevo para ser lida é por isso o

Sulamericana

29/8/09

S T Q Q S S D

tivo desta capa, o que jamais aparecerá. Ninguém até hoje, exceto meus amigos, que são tão poucos que em uma das mãos, sobrariam dedos se fosse enumerá-los, dentre estes amigos — Priscila, João e Eduardo — só dentre eles talvez eu tenha conseguido ser bem sucedida, ter compreendida minhas palavras, mas quem olhasse para nós diria que são amizades distantes, exceto pela Priscila que sim, acredito ter olhar. Mas o que eu invento é tão inocessível para quem está próximo, e o que eu invento para os que me amaram sempre foi desimportante ou então dissimularam bem não ver. Que a vida é uma arte que o dia tem motivos raminhos e finuras...

Sobre Lua de Fél - Polanski - Uma reflexão radical sobre a potência do amor para a vida e a morte. Como por ele nos destruímos e vivemos plenamente. Fomos muito gananciosos - diz ao final Alex -

Autobiografia - escrita e vida em Jackes Derrida

- A beleza é mesmo tão fugaz.
se amanhã ñ for nada disso, caberá só a mim esquecer - o que eu ganho o que eu perco - ninguém precisa saber - Lulu Santos -

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

Um aficionado calado e sem palavras por tudo que a diferença interna provoca, queria te levar um filme e gostaria de uma poesia no ar, mas já não tenho disposição alguma, e fico aqui neste quarto decadente, surpreendentemente aconchegante e pródigo. Esperando não sei o que ou mesmo sem querer que tudo chegue sob o mormaço de uma tarde fim de agosto.

Um gosto estranho no corpo. Uma sensação de estranho prazer e dor. Pensando Nietzsche contradição, controvérsia, contrasenso, fadiga, falência, ternura e tristeza uma profusão de sentidos e sentimentos, uma tecnologia falha um brecha na máquina aqui estou diria, não posso tudo que há de falso e enganador sob a realidade de um corpo pregado numa poltrona.

Penso sobre como se chega a ser o que se é. Penso longo e breve penso e peso já não sei o que escrever.

Um texto labirinto é um texto de infinidade literária.

O ouvido como labirinto sugere uma escrita labiríntica de forma que sobre o projeto de se escrever sobre o labirinto só se pode escrever percorrendo labirintos.

Percorrer o labirinto, estar no labirinto, e parar para anotar, a idéia de tempo labirinto — acontecimento — indecidível.

Sulamericana

/ /

S T Q Q S S D

ouvido - labirinto - tempo - indecidível.
espaço indecidível. - nômade - mutável -
espaço do labirinto - tempo do labirinto -
estratégias do labirinto. O labirinto como
vontade
O texto é o moderno fio de Ariadne? para
responder também numa frase: o texto é o
labirinto de Ariadne - O texto como la-
birinto - o labirinto ñ é estático, o la-
birinto é jogo
jogo
indecidível

Stripe - com the whitt strip. I Ronw now at DO
it myself
viagem + parados para transa
- Filmi - lua de Fél - + vinho + chá +
chuva + acróbica.
Prédio + abandonado + Ah!
Café da manhã com amor - rede -
Rua + beco + parede
Moto + mato + estrada escura

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

Tema já discutido, sem dúvida, e utilizar-se de Nietzsche ~~de~~ sem ser utilitarista ou fazer de sua leitura, leitura de suas idéias, algo como uma interpretação forçada, sabendo mesmo que toda a leitura se faz sempre torcendo o sentido.

O sentido de um texto? Qual seria? Não é sempre esta a questão que temos em mente quando lemos ou tentamos ler? Se já não é o sentido o que resta?

Ela me faz tão bem que eu tb quero fazer isso por ela.// Errando de ler em ler... ela demonstrou tanto prazer em estar em minha companhia.

Escrever, o que poderia ser tal atividade ou, para alguém que, não que exigimos, mas apenas, que se descobrem na impossibilidade de. E então o que fazer? E o pior, quando se pergunta pra que? É sempre o pior. Quem sabe de uma utilidade.

Anotações sobre Ecce Homo.

Prefácio ~~Apresentação~~ - índice - texto - Porque sou tão sábio.

A solidão transforma, Zaratustra ri só fala de outro modo Zaratustra é também diferente, e termina a frase com ...

S T Q Q S S D

/ /

Otobiographias.

~~Perguntar pela assinatura, é~~

~~As primeiras palavras de Derrida, no texto~~

Pergunta pelo Quem, uma vez mais se perguntar pela assinatura –

redação de um direito – redigir a liberdade, assinar enquanto representante – uma carta da qual o espírito lhe é soprado – e o conteúdo ditado – Jefferson representa o bom povo. toda assinatura se encontra afetada de indecidibilidade. – em nome do povo – que ñ existe como tal antes dessa assinatura.

dynamis nessa margem entre obra e vida

vida não reage ao tanatológico ou tanato-prático. as ciências da não-vida ou da morte não são preparados na ciência da vida.

o que retorna não retorna ao vivente mas sim ao nome, ele se adianta sob máscaras, máscaras ou nomes próprios, uma proteção que reconhece a astúcia da vida.

crédito que só pode ser honrado por nós – por exemplo.

retornar – a vida – ao nome, como nome de morte.

a dívida que Nietzsche ~~em~~ é do tipo dever de se dizer quem é.

seu contrato contraria sua natureza. – dizer quem eu sou – por uma dívida com o nome, mas ainda assim a forma auto-apresentativa bem poderia promover uma antimanha da dissimulação.

Nietzsche como contra-nome

Datar é assinar. // ~~de~~ hoje – meu aniversário – 44 anos – meio-dia // hora de um enterro // o q! da vida está sob – nome dos olhos –

Sulamericana

presente da narração autobiográfica — hoje — o dia do meio-dia — todos os "meio-dia" de Zarotustra — somente a partir daqui ~~ele ñ ex~~ somente, até então ele não assina e não existe, eu ñ sou vivente, senão um preconceito, prejuízo. É o retorno eterno q/ assina.

data de um acontecimento — origem da vida o primeiro movimento de uma assinatura. seletivamente é preciso enterrar — salvar o que há de vida.

Meio-dia retorna sempre — a cada giro do ano — o aniversário e quando o ano gira sobre si mesmo ele disse as coisas + incompatíveis entre elas e disse q/ as dizia) duplicidade —

data — porque escrevo tão bons livros — meu pai e minha mãe. — morte e vida — Eros e tanatos — fim e começo — auto e baixo — degeneração e ascendência — essa contradição e minha fatalidade. O nome duplo — meu pai e minha mãe — eu sou meu pai minha mãe e eu. a morte e a vida. Dupla origem a partir de um casal singular: morte e vida. identidade dupla e neutra. Eu sou os dois — decadencia decadent e começo — o dual — o duplo — a vida o morto — eu sou o dois o morto, a vivente.

O viandante e sua sombra — declínio — 2 — sou um decadente e o seu contrário —

eu sou um duplo e como encarar isto em relação ao futuro e à política. ?

a desfiguração da língua materna é contra a vida. Com a língua vivo deve haver contrato contra a morte. — ~~a assinatura retorna à~~

O mestre deve aprender a tratar corretamente

Sulamericana

[redacted] | 9238-0104 - Tu és o MDC da minha vida

8150429 8

a vivente, a língua.

O vínculo entre o texto de juventude e Ecce Homo é a questão da língua, a temática da vida —

O tema vitalista — degeneração — regeneração II — do estabelecimento de ensino e um futuro para o mesmo. — Inimigo da vida — inversão de valores ...

Os estudantes permanecem sem guia —

Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ens.

p. 123 / p. 130 — uma escala, para que a erudição seja uma asa e não um peso sobre seus ombros.

"Ele percebe que não pode dar para si mesmo nenhuma direção, nem prestar socorro a si mesmo: então, sem qualquer esperança, ele mergulha no mundo do dia-a-dia e do trabalho cotidiano: a atividade mais trivial o cerca, seus membros caem esgotados!" p. 130

pois, quem lhe impôs o insuportável fardo de permanecer só? p. 131 Quem o impeliu à autonomia numa idade em que, habitualmente, as necessidades principais, quer dizer, naturais, são as de buscar grandes guias e seguir entusiasticamente a via que traça um mestre? Aqui me peço a pensar, como este de quem Nietzsche fala, e me espero, mesmo que tardiamente a este professor Nietzsche, para talvez assim não ser tomada por um pessimismo paralizante, ou o arrependimento e a culpa que me fariam sentir ser eu a única responsável pelas faltas lóreanas que a educação, justo os tantos anos de instituição me fazem notar em mim mesma.

Agora como assim me pensar professora igual

Sulamericana

/ /

S T Q Q S S D

mente? Não tendo a mim como um guia, um mestre ~~que~~ capaz de estabelecer uma senda? E como continuar ~~sem~~ na solidão de um caminho tão árduo e conquistar ou fundar a mim mesma numa singularidade que honra o que me torno a cada instante...

Degeneração p. 132

S T Q Q S S D

/ /

A ~~presente~~ O presente projeto de estudo se configura como continuidade dos estudos relacionados à dissertação de mestrado recém concluída neste prog. de pós graduação q/ leva o tema x e a partir dos estudos da obra de J. D. quero empreender nova pesquisa indagando desta vez ~~pela~~ por uma questão específica: a autobiografia. A idéia de que os escritos empenham vivências é uma inscrição nietzscheana que para a educação vem a colaborar com a discussão quanto à ~~esta~~ tarefa relativa à formação.

autobiografia / autoformação / estilo / escrita / escuta /

→ escrita da vida → formação → estilo

Sulamericana

Os estilos de Nietzsche
mulher —

Distâncias
pressão de alg. pontiagudo — uma caneta —
com o auxílio do estilo se pode atacar
o que a filos. encobre sobre o nome de ma-
triz. — repelir uma forma ameaçadora —
esgrima — ponta rochosa — se proteger contra
a ameaça da presença — conteúdo, coisa.
em si — sentido — verdade — abismo deflora-
do pelo desvelamento da diferença.
Mallarmé — relaciona a repudiar.
Spur alemão — indício, marca.
Espinhos, spur, ~~espolones~~ espolon que perfura,
os véus e também o guarda-chuva.
E o que sempre imprime a marca do
espinho — a mulher —
Todas as interrogações de Nietzsche, e
as relativas à mulher em particular,
se encontram alojadas no labirinto de
um ouvido — de uma orelha. e mais tarde
em Gaia Ciência — uma cortina, uma tela

Ariadne — touro — marulho — ~~age~~
Ariadne — transmutação — mutante —

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

Vejo esse agora feliz; esse nosso futuro
ainda íngreme, montanha a se escalar,
esse todo tempo a atravessar-me assim
um rio que não para de descer, cachoeira
cheia, cheia de não cessar e de borulhar;
com seus atropelos em meu corpo fazendo
gelar, minha pele toda uriço, bicho cheio
de defesa e de golpe, de um não sei que
mais de muita vida e vontade.

Cobre-me o dia meio-frio
como um rio que me descobre
tronco de árvore arrastada corredeira à baixo
toda força que faz o dia nascer e o
pôr do sol praça feliz e aniversário de
criança,
é sobre o tapume da luz
que o verbo louco e rouco vai se abrindo
doido insone e meio lento.

Por esses dias perdida e a divagar, tentei não
me descobrir sonho e sobre minha pele não deixo
de ver ramos verdes e um musgo que cresce
verde como os pêlos da minha vagina, meus
pés, parece que vão criar raízes aqui neste sofá e
o que me tem agitado ultimamente é o vento
a torar toda a superfície destas folhas. Ver
uma árvore de 1.500 anos ~~pode~~ ~~ou~~ tem me feito
uma vez mais lembrar esta velha solidão dos
troncos e nós.

Sulamericana

/ /

S T Q Q S S D

A questão do estilo se trata de uma data
pressão de objeto por agudo
ponta rochosa que rompe as ondas
"El estilo puede también protegerse con
su espolón contra la amenaza aterra-
dora, ciega y mortal (de lo) que se
presenta, se ofrece a la vista como
obstinación: la presencia, y por come-
guente, el contenido, la cosa misma, el
sentido, la verdad — a menos que esto
no sea ya el abismo, el sentido, la
verdad — a menos desflorado en todo
este desvelamiento de la diferencia." p.3

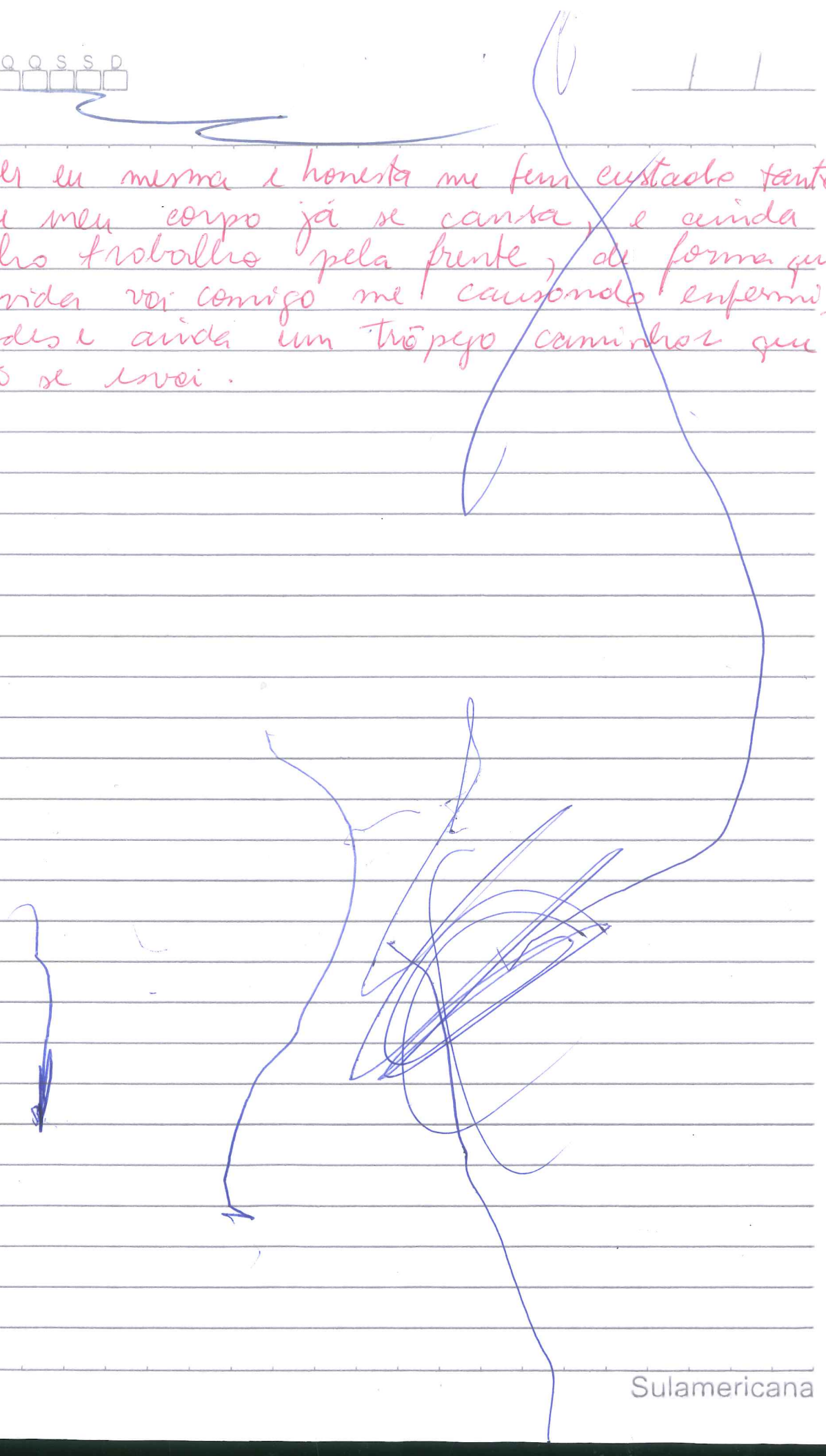
Tratar o estilo como indício, marca, aquele
que se retira.
Mallarmé relaciona a depreciar, repudiar
rechaçar com desprezo.
Spur = alemão = traza, estela, indício
marca.

Mulher - labirinto do ouvido p. 4.

S T Q Q S S D

/ /

Ser eu mesma e honesta me fez custado tanto que meu corpo já se cansa, e ainda tenho trabalho pela frente, de forma que a vida vai comigo me causando enfermidades e ainda um tropego caminhar que não se sovei.



Sulamericana

S T Q Q S S D

40 horas →

2010 → Seduc ? → Dom José ? → livro → Aula lit. Adventista

[Leônidas] ou [escola no município].

Mestrado → 1 ano [prep. Dout.]

10 - 1.000

↳ 3.000,00

1.400,00

36 - 122

2013 - 333.0

210 → Direção da

212 escola.

Quando me beijar vai sentir que o sorriso é bom de se beijar, beijar o meu sorriso.

Dormência que molesta, que me deixa alsoleta, borboleta sem asas, casa sem dono, ano sem fim.

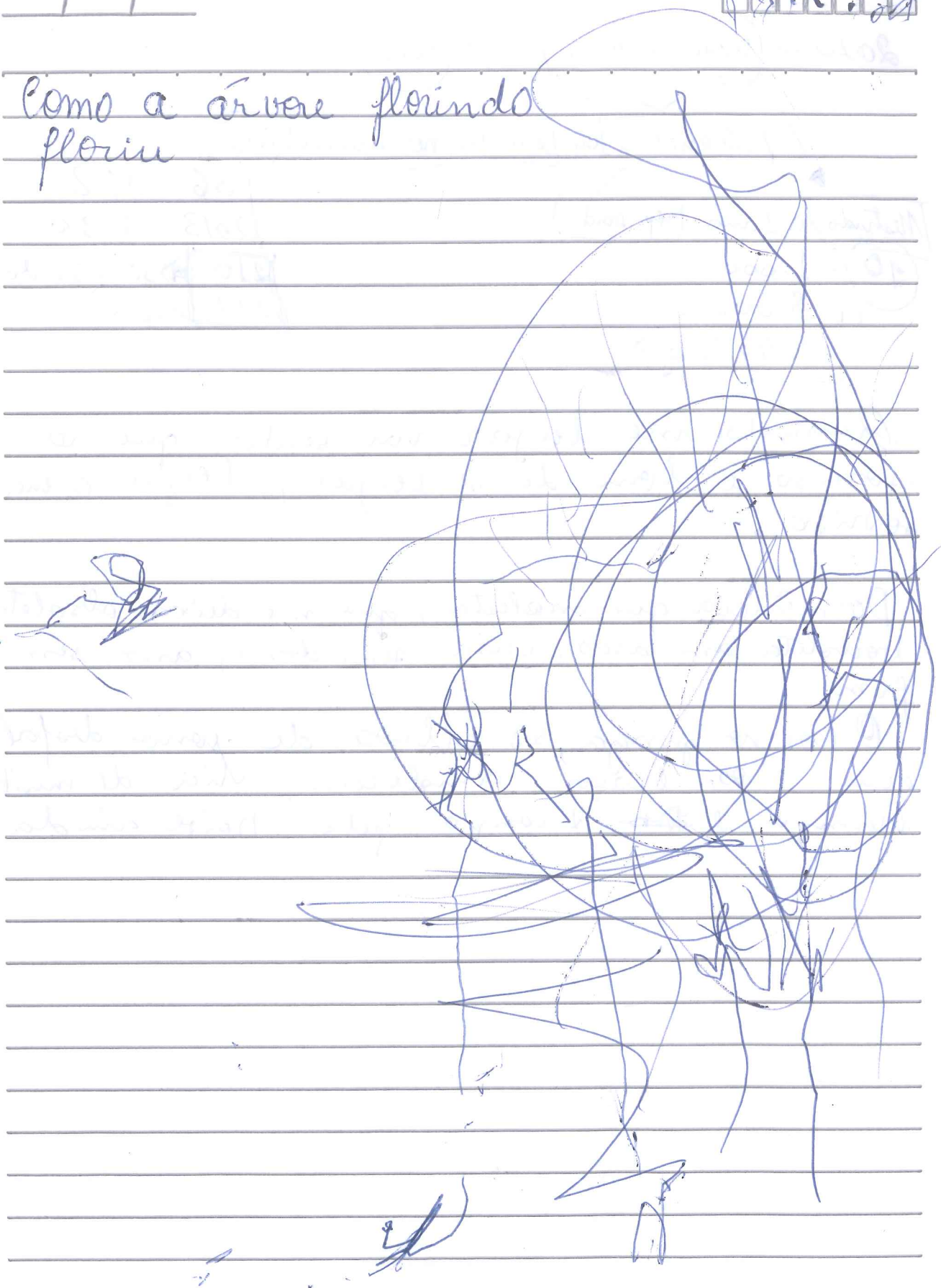
O corpo pinga, os olhos de sono despale cem e os braços amolecem, dia de muito trampo e ~~Para~~ trampo pela noite ainda.

Sulamericana

/ /

S T Q Q S S D

Como a árvore florindo
floriu



Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

Estes primeiros dias de setembro vêm com tantos cantos e flores douradas de um sol de luz estranha. Tem estado límpido o céu cheio de nuvens e o verde misturado à uma atmosfera leve de ar nostálgico. Leio Nietzsche, fico todo o tempo em casa e mais do que nunca tem me tocado essa paisagem que acompanha sensações que no meu corpo fazem com que eu sinta uma pureza de sentimento que relaciono à felicidade — enfim, na solidão — acho que cheguei a compreender tal palavra e ainda mais pela despreocupação que me toma e pela alegria que é ver minhas filhas crescerem. Sinto pela primeira vez uma leveza de bola de sabão e sinto com tudo o que trespassa a vida mais poderosa no meu corpo. Ao mesmo tempo o tempo passa implacavelmente e tenho 28 anos, me chateia apenas pensar quão rápido passa todos esses sensações, se bem que não tenho medo do sofrimento, é que na verdade ele sempre parece mais duradouro que a alegria, mas encaro. Esse dias tem sido realmente fabulosos, tenho mesmo inventado para mim todo um reino e uma filosofia nova. Tenho sido com naturalidade o que quis ser um dia e por isso trabalhei e me empenhei.

Sulamericana

2/9/09

S T Q Q S S D

Agora que alcanço algo que apenas para mim é visível e agradável sobretudo que re já uma nova mudança pois há muito almejei pelo dia em que eu conseguiria mudar, e mudar com a direção que me foi destinada minha vida toda. Estou com uma gratidão profunda em relação à minha vida, e sobretudo perspectivei todos os sim! e agora entendo como funciono bem e ganho força por sobre o atestado de fracasso que me leu tanto minha família quanto instituições, amigos e inimigos...! Esse fracasso quase sempre diz respeito às relações, quase sempre meu coração sai de alguma maneira pesado e tristonho das relações — mais ou menos duradouras — hoje não sei direito o que acontece comigo, mas há uma profusão de cores e de disposições batendo no ritmo do meu coração, eu me encho de coragem, sob a luz desse dia novo e tão belo. Me apraz toda a beleza e me contenta ver a vida ganhando em potência a cada segundo que olho por um prisma. Tudo melhora, tudo vai bem, somos um país próspero. A miséria e a fome existem todavia temos a impressão de que tudo que é possível fazer está sendo feito e que ainda é nossa

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

questão de tempo as coisas se encaixarem plenamente.

Autobiografia, penso este tema e por vezes quero seguir sem nenhum pensamento em minha cuca e sim, eu durmo alguns dias, como um urso hibernando e então tomo um vinho, ouço música, dou uma volta só sinha pelos meus próximos e chego onde estou de tal maneira satisfeita que só posso me sentir grata por toda a minha vida.

Invento um amor pra mim, invento meus trajetos para seguir e agora tudo o que quero é ser bem feliz.

Os aspectos da saúde e da doença relatados por Nietzsche sempre relacionam seus livros seus escritos a estados de saúde, sua fisiologia, os meios de tratamento, os pareceres médicos e o seu próprio discurso, sua própria palavra sobre a saúde e a doença.

Os escritos testemunham saúdes e doenças e Nietzsche diz que mesmo tendo sido por muito tempo acometido de enfermidades nunca foi doentio.

Escrever é ≠ de assinar -

assinatura releva, remete à toda a filosofia rever, corrigir, acrescentar à foz do 'representante' um assinante?

a independência é constatada ou produzida pelo enunciado.

indecidibilidade que produz o direito.

Sulamericana

/ /

S T Q Q S S D

O povo se emancipou e por este ato se "legitima" sua liberdade, ou, se libera no instante da assinatura dessa Declaração? libertou

a assinatura inventa a assinatura. Golpe de força ou de direito, pois a assinatura então é o mesmo direito a assinar: Não existia assinatura, em direito, antes do texto da declaração que permanece ele mesmo o produtor e o garantidor de sua própria assinatura.

A assinatura de Derrida aqui também não deixa de funcionar, na medida em que coloca em questão a assinatura, as assinaturas e sobretudo a idéia de uma assinatura, signo do estado. Derrida ao inscrever uma espécie de contrato — que é a declaração de independência dos Estados Unidos — na perspectiva da assinatura que é direito - ou um golpe de direito — e ao traçar seu paralelo com o que é assinar uma filosofia em seu nome - ou em seus nomes - com todos os riscos que isso pode comportar, ao fraçar este paralelo situa a assinatura num contexto de indecidibilidade.

S T Q Q S S D

Porque escrevo tão bons livros -

1º póstumo / 2º distância / 3º servir-se de outra forma / 4º / estilo + conteúdo - se separam? Onde nada se ouve tem-se a ilusão de que nada existe.

p. 48. a quem deseja ele exclusivamente contar o seu enigma?

A vós, intrépidos esquadrinhadores....

Não quereis decerto, com mão covarde, agarrar-vos a um fio; e onde podeis adivinhar, abominais inferir...

para discutir a questão do estilo.

Aprende a falar de forma cada vez mais honesta, o eu; e quanto mais o [illegible] de [illegible], tanto mais encontra palavras e gestos de respeito pelo corpo e pela terra. p. 49

→ O sentido da terra p. 49

→ Amigos do livro. com. br
Niet. / deleuze - jogo e música. //

Sulamericana

/ /

S T Q Q S S D

mulher estilo - mãe - língua.

A mulher enquanto o que reverte o estilo,

a verdade sendo algo além da superfície só
seria assim sob um véu que a cubra.

É o homem que crê na verdade da mulher
na mulher-verdade.
feminismo → homem

A simulação — A mulher
duas vezes modelo p. 13
Verdade - dogma — não interesse pela ver
dade a que a faz interessante: bom modelo
bom modelo - dissimulação, mentira, odor
no, arte, filos. artista. poder de afirmação.

divisão do conceito de artista: afirmativo e reativo

S T Q Q S S D

/ /

e não porça meu copo, a forceps não se enforca calecão o goleiro, braleiro, lampejo de dentes duma caveira de calça pra baixo, confuso o parafuso ~~[illegible]~~ des-roda para sempre voltar e não sair do lugar, confesso que ainda se atrai pelo gesto o gosto de um sumo qualquer que é poção, magia de mímese e uma qualquer doçura louca de açucar. Quero me livrar da solução e a partir de agora então é só bateria e violão calecão no chão desse peito batido. antigo som de ondas grandes em mar revolto, revolta de uma altêntica revolta sem precedentes ou descendentes mesmo sem dentes, carioca, suposta enxota, encaixota manda e esporta sutaque do atabaque que o croque é no lacre um rumo sem saída uma via de tão grande acesso aceso no meu pé no meu pênis, em minhos uvas e por aí, onde não se incontra vagem não tem carteira nem se pode querer ir e vir ao mesmo agora já ou o contrário disso que também é falso por sinal, seu uso indiscreto e mesmo paleativo, concorda o novo grito que se traí de um dia parar que não se pare não separe nunca.

Sulamericana

S I Q O S S D

/ /

Decepção, porque? Por um nada de conversa atravessada e sem propósito algum. Brincou com minha cara meu. Coisa de moleque, pura infantilidade. Ser escrava de mais um? Não, porque eu digo sim. Porque se você gosta de mandar eu também gosto. É o mundo é coisa para os fortes. De jeito algum eu vou me calar, já é tão pouco e insignificante apenas falar e estar atada pela circunstâncias todos que não permitem quase nada, mas eu sei me virar dentro do que estar posto, e teria de me readequar a todas as novas situações, não, eh não quero mudar, ainda mais se for para atender a quem eu discordo e ter disso pouca vontade em.

De forma alguma vou me acovardar chega, ser chamada de covarde, bosta já carregam os ombros e as lembranças.

S T Q Q S S D

Se te ocorresse precisar de mim, e te encontrasse uma dor tão funda que minha presença fosse algo da ordem do dia, e que te fizesse ainda mais forte estar ao lado meu, eu gostaria então de ser tua mulher, porém, tua vida é outra e com outras, não me faz sofrer de um todo, todavia. por vezes, quando se costuma em meio à solidão fraquejar, sim reconheço que minha força possui limitação ~~fraquejo~~, e como isso tudo vem de maneira a contrariar meu orgulho e meu capricho, ~~Acho que não procuro com isso~~ passo as tardes que deveriam ser suas, jogada ao chão apenas dormindo, é que então inventa mil sonhos o meu corpo e suporto a ~~ausência~~ a presença que não sacia, mas toma o tempo, e isso é já um gosto de sucesso que parece ao gosto da vingança. Sede, sede, fome, muita fome eu sinto muita sede muita fome de você, mas como imagem de água ~~não mata sede~~ e de corrida não saciam, fou ficando ao léu esperando que o meu estado mude, por um exorcismo de ~~uis~~ o uisk ou uma boa amizade que me entregue uma conversa. ~~tão agradável~~

Julgo o que sinto como amor, mas às vezes eu tenho dúvida se já senti tal. De qualquer maneira, talvez pela vontade que tenho de que seja eu aplique ~~a~~ lógica o entendimento

Sulamericana

S T Q Q S S D

que tenho a favor do que julgo ser.
Não te parece que o amor é o pior
eu nem consigo odiar-te. ~~Você~~ isso
é ruim por te deixar pensar por
exemplo que tu estejas a ter dis-
por, de facto, acho que seria justo
se você achasse isso, mas vou te
dizer, você só tem sorte em
relação ao ritmo que me acessam
não sei se com isso quero te provo-
car insegurança ou se é assim
pela minha descendência, não acre-
dito ser tão fácil decidir. De
qualquer modo Eduardo é incon-
dicional o que quer que seja
afeto até mesmo a raiva, mas
vc é generoso demais p/ q/ al
guém sinta raiva pra por muito
tempo.

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

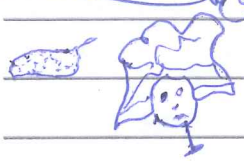
A luz branca que ~~sobre~~ à volta tudo faz
o tom mudar bate sobre minha pele

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

Meu peito agora chama, remói e remove se perguntando, reclamando pelo que agora mesmo também já não dói, um engenho a estalando, fazendo o suco doce e grosso descer do fruto da terra, meu enlace com este instante é o calor de uma fruta madura ainda ao pé pegado por uma artimanha qualquer da estação e o chão sob mim é o risco inevitável da vida que desanda sem que alguém tome suas rédeas, ele imponha controle seus feitos ou agite açoite.



imagens: a flora / o verde / o escuro / as sombras prata nome - foucault / derrida / nietzsche.

nome | propriedade, descrição, sistema, função, discurso, política, filosofia, enunciação.

- burocracia + política + universidade + pesquisa.

agências / critérios / valores / vida - ordem, legislação - legisladores do futuro - nit. - política nova para as instituições - dissimulação - vontade - artimanhos - poder -

Sulamericana

/ /

S T Q Q S S D

ritos sem rosto, anonimato sob o signo das ~~baixo~~ intituições

vide a mim! Dar a Cesar lili o q/ é de Cesar lili

S T Q Q S S D

Sobre tudo que se escreve, escreve-se, não, porque é muito impessoal; então sempre se escreve com alguma gana alguma vontade sempre se tem algo a dizer, quando o amor toca a mesa e vê se sente seduzido, uma isca, que alguém alguém, joga, propositalmente

meus ponteiros todos
se separaram e agora eu sigo
bussula sega que é esse
mar de incertezas.
apostar em quê?

todos os meus relógios estáticos
agora não dizem coisa alguma

e eu, besta, padecendo, de uma
dor que eu não sinto.

eu estaria para viver.

Sulamericana

/ /

O nazismo → enquanto →

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

→ Política – nome próprio – assinatura
→ ouvido – atado – subjulgado –

Março – 2010 – Fevereiro – [9]

Transferência – vel c/ Szaies – Priscila.

Julho – // Agosto – 2007 → [2]
Agosto 2005
Agosto 2010 – [3] estágio.

o 9 dezembro – [9 novembro] –
– segunda – [caixa / B.B.] Prob. Seminário.

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

P. 123. Sobre o Fut. de nossos Est. de Com.
as experiências mais instutivas cotidianas
Univ. como mera continuação do ginásio.
O ginásio deve tornar o estudante autônomo
autonomia —
Quando um estrangeiro . . . 125. cordos
umbilical da Universidade. — metodo de
ensino oral — acroamático p. 126.
O Estado é a essência disso — vigia —
objetivo destes procedimentos q/ são o
falar e o ouvir p. 126

Sulamericana

/ /

S T Q Q S S D

As armadilhas da Desconstrução Victor Hugo Guimarães Rodrigues

Os limites entre literatura e filosofia são por Derrida não só questionados como tb não delimitados isto por uma estratégia interpretativa que diz do texto algo novo e que inclui a possibilidade de que o texto filosófico ou literário se mantenha na reserva, na ausência de sentido.

Ao arrastar as multiplas possibilidades do jogo para a interpretação do texto filosófico ou literário Derrida joga com as possibilidades do ler e do escrever, do texto que mente, engana, neutraliza, inquieta, simula, e prima por uma filosofia a martelados.

"Muito além de considerar... p. 71.

Um livro para todos e para ninguém - indecidível - para si mesmo -

desconstrutor - não há caminho -

comunicar - gregária?

S T Q Q S S D

/ /

Parece sina, que pessoa como eu deva ficar sozinha, mas por que então isto por vezes me angustia.
É maltratante a idéia que se encalacra na gente de um resto romantismo literato. Mas tá aí dá pra viver sob a égide do conselho, não em famílias como a minha, que um tanto negligente, sob a idiotice cristã do livre-arbítrio não me soube encaminhar. A estultice é tamanha que meus planos hoje se resumem a decisões medíocres e sem muito futuro, me parece. Espero que não.
Já é tão peso o fardo que sem querer me legaram que é também penoso ter de sobre ele refletir. Sim. eu digo sim à vida, já bem tarde querendo ser leve, mas quanto poderia se ter evitado e viver eu hoje uma outra realidade. A solução parece ser desencarnar. E deixar que a vida leve-me como a moinha que o vento espalha rrrrrrrrrr.

Sulamericana

Todas as grandes artes não tem o que me dizer, se eu escrevo com sangue tudo que escrevo, não é por mero acaso, eu sou, e sempre fui, o espelho do mundo, e se desse espelho fizeram mil pedaços, que me importa, se sempre fui cheio eu, e sempre rosgado que culpa tendo eu de ser o melhor, e sempre o mais importante para todos e todo o mundo. Me vivão dizer aqueles que a moral alcançou e que nunca dela se conseguiram dos despis, e problema é meu? Não! Não! Se sempre tentei eu alutar e tenta-até escrever com uma furia, é certo, de todo modo, incerta sem saber ao certo em quem atirar e de tolle nomeia eu, vil e incerta falei alcançar, problema de quem não quiz esentar, problema!

Sulamericana

S T Q Q S S D

Qual é o grande prob. em Dávida?

→ 1. a ideia de que se pode dizer a verdade falando simplesmente.

2. A ideia de que pela razão se acessa o que se é.

3. A de que por uma operação que se faz em idéias se possa ver pressos o que se é e ainda mais → a verdade do que se é a verdade. Aqui é a gora de um [illegible] que ñ se tem [illegible] [illegible] como verificar

S T Q Q S S D

Derrida - um filósofo - argelino - que foi para o EU + - elaborar.

Eu odeio tudo q/ é hu-
mano, eu aduo com
o sentimento de um deus.

seu saber de nada da sobria,
que seria sempre assim! escolhe-
riam sempre os homens e quem
isso é compatível com o
que sobre um deus! !! ;

Sulamericana

S T Q Q S S D

ter ouvidos para si mesmo, significa abandonar os instrumentos habituais de um ouvido atado — o das instituições — e ter ouvidos para as vivências cotidianas significar o que? o homem ordinário, o homem que só é o da academia que tem ouvidos com Jorge Luiz Borges, ou como um mundo, há uma possibilidade de alerta da academia o homem comum, o homem do rebanho, não seria por vezes o homem almejado? Com tudo q/ a academia prescreve, com tudo o que se fez de sistematismo ou ca está questionado o valor mesmo das instituições de ensino, o homem do povo não teria o que dizer?

Alguém que tivesse o que dizer?

Sulamericana

S T Q Q S S D

Nietzsche - Derrida - Otobiografias - Livro. Além do bem e do mal - p. 34 - sessão 29.

Independência Tema.

Sobre - objeto - sujeito/verdadeiro - falso - Além do bem e do mal p. 38 sessão 34.

p. 71 -

Sulamericana

S T Q Q S S D

Otobiografias: Silas

8/out./2009

Ouvido como metáfora à escuta sua principal ferramenta. Ou os professores entenderam errado ou as alunas entenderam errado.

Quando ouviam Marx, Piaget, Freire, ouviam como uma espécie de brado de libertação - a parte deles fez Normal - tecnicismo - discurso da UFMT - vocês podem - vocês tem todas razões para deixar de lado essa prática antiga.

As palavras de valor - dialética - Marx, Hegel, Paulo Freire - afeto de reestruturação - onde estava isto? Alfabetização - soberania, potência - foram alfabetizadas com a visinha, tia, alfabetização novo perspectiva - trouxe um canto de volta - uma escuta nova - a partir do termo de Derrida - Otobiografias -

As coisas que a gente pensa não se descola do que a gente vive. Ouvem o que vivem.

1984 - Otobiografias - É pressuposto q/ a construção escrita constrói para o estilo do escritor - Quando escrevemos nos tornamos. Rorty - somos o resultado do que conversamos, lemos, escrevemos. O texto escrito é privilegiado. A escrita contribui p/ a identidade de vida do escritor. A gente escreve p/ aprender - A autoria descreve seu autor.

Divisão. 1ª parte todo ato declaratório funda uma instituição - signatário - Alguém por representar um grupo. pessoas assinam - instituições de si mesmas - autoria - Um estado livre -

Sulamericana

/ /

S T Q Q S S D

Se engaja naquilo que diz. O nome da declaração fala em nome do povo. Esse povo não existe o que existe são homens que assinam. Em algum lugar ... eu estado sou o povo ... Quando paramos de olhar p/ o povo encontraremos pessoas -
lógica da vivência - um discurso entre vida e morte - logos + grama - ...
elaboração crítica da filosofia ...
Além dos acidentes empíricos ... no texto independente da vida. dispomos - força q/ mobilizou o texto em direção à vivência.
fazer ciências de corpos mortos - ciência da morte - biologia.
autobiográfico - descrição para si mesmo.
⇨ destinatário - narrativas - depoimentos - falos - a fala p/ o outro é sempre para o outro.
e c/ isso sempre,
⇨ Falta de ouvidos p/ seus ensinamentos - ~~AAAAAAAA~~ - não publicar antes de sua morte. Sobre o Fut.
⇨ Pai - mistu - Mãe à minqua - Cordão - Umphalos.
• O ouvido é o misterioso - o dobro é o que pode tomar -

S T Q Q S S D

Val → Priscila → Silas → ~~[illegible]~~

→ 15 - 22 - 29 - $\boxed{5}$ - Seminário - Leitores de Nietzsche.

→ $\boxed{\text{Val}}$ →

~~[illegible]~~

15 - Silas → $\boxed{\text{Priscila}}$ → Eliete

22 - Silas → Priscila

29 - Eliete → Silas

$\boxed{5 - \text{Val}}$ - Metodo - Foucaut.

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. Nº Pág.
Visto

Sulamericana

/ /

S I O O S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. Nº. Pág.
Visto

S I O O S S D

Drummond:

→ funcionário público exemplar e poeta inovador: — contraste entre o conservadorismo e o novo. Uma pessoa e duas características diametralmente opostas.

→ Confissões de Minas: obra em prosa do poeta / 1944

→ Ao ir para o Rio em 1934, Drummond troca as ladeiras de Belo Horizonte pelas avenidas já nervosas da então capital da República... Fixará residência na mesma, a partir de então, até os dias de seu falecimento ocorrido em 1987...

→ intensifica-se a partir de então sua carreira de jornalista colaborando em diversos órgãos da imprensa carioca:

- Correio da Manhã
- Revista Acadêmica
- Folha Carioca
- A Manhã
- Leitura
- A Tribuna Popular
- Política e Letras
- Euclydes

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 02
Visto
Sulamericana

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pag. 03
Visto

/ /

S T Q Q S S D

"QUANDO NASCI UM ANJO TORTO
DESSES QUE VIVEM NA SOMBRA
DISSE: VAI CARLOS! SER GAUCHE NA VIDA...

... TÃO PERTO E TÃO LONGE, A PONTO DE CONSTRUIR SUA VIDA À MARGEM DOS ACONTECIMENTOS, SEM CONTUDO VIVER LONGE DELES...

... VIAJAVA O MUNDO COM SUA POESIA: SEUS POEMAS CRIAVAM ASAS ATRAVÉS DE SUA PENA. A PARTIR DE ITABIRA...

(BOITEMPO I: livro autobiográfico...

EM MEIO À CALMA MINEIRA EM CONTRASTE COM A SUA INQUIETUDE TRANSMUTADA EM POESIA...

→ A HISTÓRIA DE ROBINSON CRUSOÉ somadas aos TEXTOS DA BIBLIOTECA VERDE E DA REVISTA TICO-TICO, ILUSTRARÃO A IMAGINAÇÃO DO GAROTO DRUMOND...

→ EM 1916 O POETA VAI MORAR EM B.H.
→ EM 1918 TRANSFERE-SE PARA N. FRIBURGO

Sulamericana

S T O O S S D

formiga g

/ /

NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, onde será interno no Colégio Anchieta.

→ UM FATO desconcertante acontecerá, NESTE INTERIM, onde será expulso DO REFERIDO colégio sobre a alegação absurda de insubordinação mental, durante uma aula de PORTUGUÊS.

→ De Friburgo volta para B.H.

→ 1928 - ano de publicação do poema: MEIO "NO DO CAMINHO":

"No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do
caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra"
(in Alguma Poesia)

→ foi o ESTOPIM, PROVOCANDO UM verdadeiro escândalo literário NOS MEIOS CONSERVADORES DA ÉPOCA, AINDA MARCADAMENTE INFLUENCIADOS PELA IDÉIA clássica de poesia

→ em 1930, BANCA do PRÓPRIO bolso a EDIÇÃO DO seu 1º livro de POESIA: "ALGUMA POESIA"

Sulamericana

/ /

S T Q Q S S D

→ "ALGUMA POESIA" seria recebido de forma dúbia por parte da crítica e do público: louvado por uns, achacado por outros.

→ Poeta/escritor/funcionário público/jornalista...

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 05
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"O ESPETÁCULO DAS FOLHAS QUE CAEM"

É NO TEMPO DA SECA QUE SE DÁ O INÍCIO OU O COMEÇO DESSE MAGNÍFICO OU NÃO PORQUE NÃO DIZER BELÍSSIMO ESPETÁCULO DAS MUITAS FOLHAS SECAS QUE CAEM DAS POUCAS ÁRVORES QUE AINDA RESTAM EM NOSSA OUTRORA VERDICIDADE OU CIDADE VERDE.

É LÁ SE VAI O TEMPO QUANDO NOSSA CAPITAL FAZIA JUZ A ESSE EPÍTETO: CIDADE VERDE !!!

É LÁ SE FOI O TEMPO QUANDO CAPITAL FAZIA JUZ A ESSE JAEZ ECOLÓGICO: CIDADE VERDE.

ENQUANTO ISSO, DURANTE TODO ESSE ATROPELAMENTO DEPREDATÓRIO ~~DO NOSSO AMBIENTE~~ DO NOSSO AMBIENTE QUANTAS MANGUEIRAS, CAJUEIROS E PALMEIRAS NÃO FORAM DECEPADAS, ENFEIANDO, EMPOBRECENDO NOSSOS QUINTAIS, FAZENDO EXILAR DOS MESMOS MUITOS SABIÁS E BEM-TE-VIS QUE AO RAIAR DO DIA, DAVAM O TOM DA MELODIA DA VIDA.

ACERVO ANTÔNIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 06
Visto

Sulamericana

/ /

S T Q Q S S D

Exercitar a lentidão, como se os pés resvalassem e não pisassem no chão..
Como se o caminho fosse feito de espumas e o mar leve tocar dos nossos passos acariciasse os nossos pés...

ACERVO ANTÔNIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 07
Visto

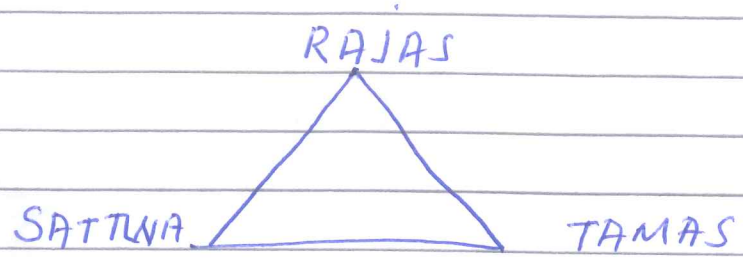
S I Q Q S S D

/ /

SAMUDIK SHASTRA: O OCEANO DO CONHECIMENTO

JYOTISH → REPRESENTA OS OLHOS

SAMBANDH / RISHI(S)



ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 08
Data

Sulamericana

/ /

S T Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 09
Visto

S T Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 10
Vista

Sulamericana

/ /

S T Q Q S S D

ACERVO ANTÔNIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 11
Visto

S T Q Q S S D

Horas de Saudade

(Castro Alves)

Tudo vem me lembrar que fugiste,
Tudo que me rodeia, de ti fala.
Inda a almofada, em que pousaste a fronte,
O teu perfume predileto exala.

No piano saudoso a tua espera,
Dormem sono de morte as harmonias,
E a valsa entreaberta mostra a frase,
A doce frase qu'inda há pouco lias.

As horas passam, longas, sonolentas...
Desce a tarde no carro vaporoso...
D'Ave Maria o sino, que soluça,
É por ti, que soluça mais queixoso.

E não vens te sentar perto, bem perto
Nem derramas ao vento da tardinha,
A cascata de notas rutilantes
Que tua alma entornava sobre a minha.

E quando uma tristeza irresistível
Mais fundo cava-me um abismo n'alma,
Como a harpa de Davi, teu riso santo
Meu acerbo sofrer já não acalma.

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 12

/ /

S T Q Q S S D

É que tudo me lembra que fugiste
Tudo que me rodeia de ti fala,
Como o cristal da essência do Oriente,
Mesmo vazio a sândalo trescala...

No ramo curvo do NINHO abandonado
Relembra o pipilar do passarinho,
Foi-se a festa de amores e de afagos...
Eras — ave do céu... minh'alma ninho!

Por onde trilhas — um perfume expande-se.
Há ritmo e cadência no teu passo!
És como a estrela que transponde as sombras,
Deixa um rastro de luz no azul do espaço...

E teu rastro de amor guarda minh'alma,
Estrela que fugistes dos meus anelos,
Que levaste-me a vida entrelaçada
Na sombra sideral de teus cabelos!...

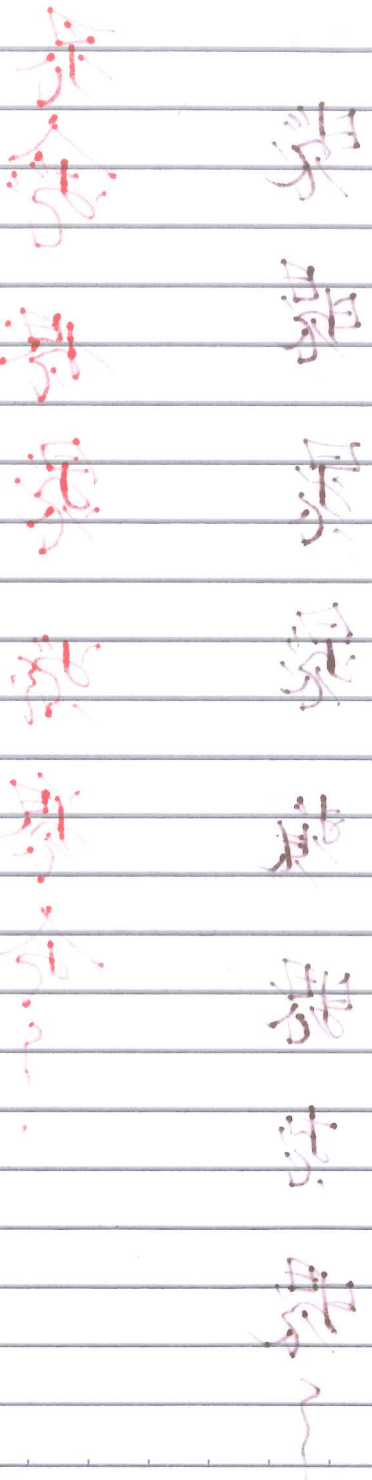
02/04/1870

ACERVO ANTÔNIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 13
VISTO

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 14
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D



ACERVO ANTÔNIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 15
Visto
Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

DAQUELA NOITE DE MEFISTO

Eu vou lhe revelar isto:

ME ASSUSTEI COM A MINHA sombra!

Antonio Sodré - a poeta da Transa

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 16
Visto

Sulamericana

1 1

S T Q Q S S D

Inscrição para um Epitáfio

Desejo tudo quanto nada quero
Ficar longo estar perto
Por mais sou sincero.
Quanto desperto.

Pedro Ivo

O Chamamento Eterno

Como a formiga que sobe a cama de um homem
atraída pelo açucar da urina repousa
da nas lagunas da morte
assim subistes até a mim e me chamaste.

A morte é uma velha, idiota, uma
formiga tonta que se embebeda com a
urina dos homens.

(Pedro Ivo)

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 77
Visto

Sulamericana

Horário/Programación

	Segunda Lunes	Terça Martes	Quarta Miércoles	Quinta Jueves	Sexta Viernes	Sábado
1ª Aula						
2ª Aula						
3ª Aula						
4ª Aula						
5ª Aula						
6ª Aula						

~~Atividades Extras~~/Actividades ~~Extra~~ Programáticas

Atividade/Actividad	Dia(s) da/de la semana	Horário/Horario
0800 555 123 El. Árvore da vida.		

Anotações/Apuntes y Notas

Faltas/Inasistencias

Jan/Ene	Jul
Fev/Feb	Ago
Mar	Set/Sep
Abr	Out/Oct
Mai/May	Nov
Jun	Dez/Dic

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pag. 13
Visto
www.sulamericanet.com.br

S T Q Q S S D

/ /

① Introdução ao pensamento de Derrida recorrendo à sua biografia – reflexão sobre a questão mesma da biografia.

② A desconstrução enquanto teoria que une Derrida a Nietzsche.

③ O livro Otobiografias... Derrida inspirado em Nietzsche.

Minha cabeça é um baú
Onde guardo minhas relíquias:
Seu rosto por exemplo,
Brilhando como a jóia mais rara...
Nos momentos quando recolho,
Ainda deslumbrante e me encantando
Toda vez que remexo essa arca de sonhos
Que é essa minha louca cabeça...
Que se agita de felicidade
Quando te vivida.

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 80
Visto

/ /

S T Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 21
Data

S T Q Q S S D

/ /

"A Cartilina"

O poema que desejo escrever neste momento
Busca você pessoa preciosa
Jóia rara de um tesouro encantado...

Te busco em meio ao calor
Que me banha de suor.
Estarás pensando em mim
Como eu te penso agora!?

Se não estiver, eu não reclamo,
Pois amo você do mesmo jeito
Quer eu te aperte ou não contra meu peito...

Pode ser que esse amor não tenha jeito
D'eu poder desfrutá-lo e ser feliz
Mas ouço enfim meu coração que diz:

" AME, AME, MESMO SEM RETORNO, AME, AME!

Antonio Sodré - o poeta da transmutação
numa manhã quente de outubro/2010

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 22
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"OITO POEMAS
DO
DRUMMOND"

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 24

/ /

S T Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 25
VISTO

S T Q Q S S D

/ /

E

Tô com uma sede inacabada.
Não é sede de água
É sede de você.
Minha fonte de inspiração.
Poeta, seu pedinte de rua.
Que está distante
Distante da fonte

Começa de água e sonho
A menina brinca na
Meio da chuva
Com seu guarda-chuva.
Pulando e gritando
— Estou guardando a chuva.
— Dizia ela,
— Estou guardando a chuva!

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 26
Visto

Sulamericana

/ /

S T Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 27
Visto

S I Q Q S S D

ESPER

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 28
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 29
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

ESPERTEZA

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 30
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

Poema de Sete Faces

(Carlos Drummond de Andrade)

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser "gauche" na vida.
As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul
não houvesse tantos desejos.
O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porem meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.
Meu Deus, porque me abandonaste
se sabia que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.
Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.
Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 32
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

Sentimental

Ponho-me a escrever teu nome
com letras de macarrão.
No prato, a sopa esfria, cheia de escamas
e debruçados na mesa todos contemplam
esse romântico trabalho.
Desgraçadamente falta uma letra,
uma letra somente
para acabar teu nome!
– Está sonhando? Olha que a sopa esfria!
Eu estava sonhando...
E há em todas as consciências um cartaz
amarelo:
"Neste país é proibido sonhar"!

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 34
Visto

Sulamericana

S I Q Q S S D

/ /

Minha cabeça é um baú de sonhos
Onde guardo minhas relíquias:
Seu rosto, por exemplo,
Brilhando como a jóia mais rara
Nos momentos quando te recolho
Linda, deslumbrante e me encantando
Toda vez que remexo essa arca de sonhos
Que é, essa minha louca cabeça
Que se agita de felicidade
Quando te visita...

Antônio Sodré - o poeta da transmutação
outubro/2010

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 40
Data

S T Q Q S S D

/ /

"O Espetáculo das Folhas que Caem"

É no tempo da seca que se dá o início ou o começo desse magnífico, ou porque não dizer belo espetáculo das muitas folhas secas que caem das poucas árvores que ainda restam em nossa outrora, verdicidade ou Cidade Verde.

E lá se foi o tempo quando nossa capital fazia jus a esse jaez ecológico: Cidade Verde.

Enquanto isso, durante todo esse grande "atropelamento" depredador do nosso ambiente, quantas mangueiras, palmeiras e cajueiros não foram sem dó decepados, enfeiando e empobrecendo nossos quintais, expulsando muitos sabiás e bem-te-vis que ao raiar do dia davam o tom da melodia da vida.

Nessa esmagadora ação depredadora as sombras também aos poucos foram se apagando deixando-nos a arder num Sol de 42°g., quando munidos de coragem e necessidade precisamos nos locomover ao meio-dia pelas nossas vias de acesso. É realmente desconfortante sentir os "raios-chicotes" estalarem sobre nós, seres tão frágeis ante a força imanente da nossa Estrela Maior.

Cuiabá - ou I-CUIA-PÁ - termo bororo que significa "lugar no rio onde se pesca com flecha", também está vendo o falecimento doloroso do rio, do qual herdou o nome.

Sulamericana

S T Q Q S S D

É preciso plantar árvores nas margens desse nosso grande caminho d'água, para que possamos revigorar, revitalizar esse nosso grandioso "Ente" e não dá-lo extrema-unção.

Precisamos agir enquanto é tempo, para que não escrevamos no futuro em nossos jornais, artigos com esses dizeres:

"Era uma vez o espetáculo das folhas que caíam das árvores de nossa cidade.

(E pensar que a Natureza é tão bela que até quando se recicla não perde sua beleza, onde até as folhas mortas ~~que baixam ao chão~~ que caem das árvores baixam ao chão voando como pássaros!)

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 46
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

Poesia

Gastei uma hora pensando um verso
que a pena não quer escrever.
No entanto ele está cá dentro
inquieto, vivo.
Ele está cá dentro
e não quer sair.
Mas a poesia deste momento
inunda minha vida inteira.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 48
Visto

S T Q Q S S D

/ /

Festa no Brejo

A saparia desesperada
coaxa coaxa coaxa.
O brejo vibra que nem caixa
de guerra. Os sapos estão danados.

A lua gorda apareceu
e clareou o brejo todo.
Até à lua sobe o coro da saparia desesperada.

A saparia toda de Minas
coaxa no brejo humilde.
Hoje tem festa no brejo.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 50
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

Epigrama Para Emílio Moura

Tristeza de ver a tarde cair
como cai uma folha.
(No Brasil não há outono
mas as folhas caem.)

Tristeza de comprar um beijo
como quem compra um jornal.

Os que amam sem amor
não terão o reino dos céus.

Tristeza de guardar um segredo
que todos sabem
e não contar a ninguem
(que esta vida não presta).

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 52
VISTO

S T Q Q S S D

/ /

"Boca"

Boca: não te beijarei.
Boca de outro, que rir de mim,
no milímetro que nos separa
cabem todos os abismos.

Boca: se meu desejo
é impotente para fechar-te,
bem sabes disto: zombas
de minha raiva inútil.

Boca amarga pois impossível
doce boca (não provarei)
ris sem beijo para mim
beijas outro com seriedade.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 54
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"O Passarinho Dela"

O passarinho dela
é azul e encarnado.
Encarnado e azul
são as cores do meu desejo.

O passarinho dela bica meu coração
Ai, ingrato, deixa estar
que o bicho te pega.

O passarinho dela
está batendo asas, seu Carlos!
Ele diz que vai se embora,
sem você pegar.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 56
Visto

S T Q Q S S D

/ /

"Os Mortos de Sobrecasaca"

Havia a um canto da sala um álbum de fotografias intoleráveis, alto de muitos metros e velho de infinitos minutos, em que todos se debruçavam na alegria de zombar dos mortos de sobrecasaca.

Um verme principiou a roer as sobrecasacas indiferentes e roeu as páginas, as dedicatórias e mesmo a poeira dos retratos. Só não roeu o imortal soluço que rebentava que rebentava daquelas páginas.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 58
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"Os inocentes do Leblon"

Os inocentes do Leblon
não viram o navio entrar.
Trouxe bailarinas?
Trouxe emigrantes?

Trouxe uma grama de rádio?
Os inocentes, definitivamente, tudo ignoram,
mas a areia é quente, e há um óleo suave
que eles passam nas costas, e esquecem.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 60
Visto

S T Q Q S S D

/ /

Bolero de Ravel

A alma cativa e obcecada
enrola-se infinitamente numa espiral de
desejo e melancolia.
Infinito, infinitamente...
As mãos não tocam jamais o aéreo objeto,
esquiva ondulação evanescente.
Os olhos, magnetizados, escutam
e no círculo ardente nossa vida para sempre
está presa, está presa...
Os tambores abafam a morte do Imperador.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 62
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

Campo, Chines e Sono

(A João Cabral de Melo Neto)

O chinês deitado
no campo. O campo é azul,
roxo também. O campo,
o mundo e todas as coisas
têm ar de chinês
deitado e que dorme.
Como saber se está sonhando?
E sono é perfeito. Formigas,
crescem, estrelas latejam,
peixes são fluídos.
E árvores dizem alguma coisa
que não entendes. Há um chinês
dormindo no campo e antigas confidências.
Debruça-te no ouvido, ouve o murmúrio
do sono em marcha. Ouve a terra, as nuvens.
Ouve a terra, as nuvens.
O campo está dormindo e forma um chinês
de suave rosto inclinado
no vão do tempo.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 46 Nº. Pág. 63
Visto

S T Q Q S S D

/ /

Equívoco

Na noite sem lua perdi o chapéu.
O chapéu era branco e dele passarinhos
saíam para a glória, transportando-me ao
céu.
A neblina gelou-me até os nervos e as tias.
Fiquei na praça oval aguardando a galera.
com fiscais que me perdoassem e me abrissem
os rios.

Um jardim sempre meu, de fundo e de coral,
ergueu-se pouco a pouco, e eram flores de velhos,
murchando sem abrir, indecisas no mal.

Ressurgi para a escola, e de novo adquiri
a ciência do deslizar, tão própria de meus netos:
Sou apenas um peixe, mas que fuma e que ri,
e que ri e detesta.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 63
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

Canção Amiga

Eu preparo uma canção
em que minha mãe se reconheça
tôdas as mães se reconheçam,
e que fale como dois olhos.

Caminho por uma rua
que passa em muitos países.
Se não me vêem, eu vejo
e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo
como quem ama ou sorri.
No jeito mais natural
dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas
formam um só diamante.
Aprendi novas palavras
e tornei outras mais belas.

Eu preparo uma canção
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 65
Visto

S T Q Q S S D

/ /

"O Arco"

Que quer o anjo? chamá-la.
Que quer a alma? perder-se.
Perder-se em rudes quimas
para jamais encontrar-se.

Que quer a voz? encantá-lo.
Que quer o ouvido? embeber-se
de gritos blasfematórios
até quedar atordido.

Que quer a nuvem? raptá-lo.
Que quer o corpo? volver-se,
delir memória de vida
e quanto seja memória.

Que quer a paixão? detê-lo.
Que quer o peito? fechar-se
contra os poderes do mundo
para na trava fundir-se.

Que quer a canção? erguer-se
em arco sobre os abismos.
Que quer o homem? salvar-se,
ao prêmio de uma canção.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 67
Visto

Sulamericana

/ /

S T Q Q S S D

"Sonetilho do Falso Fernando Pessoa"

Onde nasci, morri.
Onde morri, existo.
E das peles que visto
muitas há que não vi.

Sem mim como sem ti
posso durar. Desisto
de tudo quanto é misto
e que odiei ou senti.

Nem, Fausto, nem Mefisto
à deusa que se ri
deste nosso oaristo,

eis-me a dizer: assisto
além, nenhum, aqui,
mas não sou eu, nem isto.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 72
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

Canto Esponjoso

Bela
esta manhã sem carência de muito
e mel servido sem blasfêmia.

Bela
esta manhã ou outra possível,
esta vida ou outra invenção
sem na sombra, fantasmas.

Umidade de areia adere o pé.
Engrila o mar, que me engole.
Valvas, cerros pensamentos, matizes da luz
azul
completa
sobre formas constituídas.

Bela
a passagem do corpo, sua fusão
no corpo geral do mundo.

Vontade de cantar. Mas tão absoluta
que me calo, repleto.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 73
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

Dissolução

Escurece, e não me seduz
tatear sequer uma lâmpada.
Pois que apraz ao dia findar,
aceito a noite.

E com ela aceito que brote
uma ordem outra de seres
e coisas não figuradas.
Braços cruzados.

Vazio de quanto amáramos,
mais vasto é o céu. Perfurações
surgem do vácuo.
Habita alguma?

E nem destaco minha pele
da confluente escuridão.
Um fim anônimo concentra-se
e pensa no ar. Hesitando.

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 75
Visto

É aquele agressivo espírito
que o dia carreia consigo,
já não oprime. Assim, a paz,
destroçada.

Vai durar mil anos, ou
extinguir-se na cor do galo?
Esta rosa é definitiva,
ainda que pobre.

Imaginação, falsa demente,
já te desprezo. E tu, palavra.
No mundo perene trânsito,
calamo-nos.

E sem alma, corpo, és suave.

Sulamericana

Carlos Drummond de Andrade

S T Q Q S S D

/ /

"A Tela Contemplada"

Pintor da soledade nos vestíbulos
de mármore, de losango, onde as colunas
se deploram silentes, sem que as pombas
venham trazer um pouco de seu ruflo,
traça das finas torres consumidas
no vazio mais branco e na insolvência
de arquiteturas não arquitetadas,
porque a plástica é vã; se não comove,
é criador de mitos que sufocam
desperdiçando a terra, e já recuam
para a noite, e no charco se constelam.
Por teus condutos flui um sangue vago
e nas tuas pupilas, sob o tédio
é a vida um suspiro sem paixão.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 77
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

1 1

"Ser"

O filho que não fiz
hoje seria homem.
Ele corre na brisa
sem carne, sem nome.

As vezes o encontro
num encontro de nuvem.
Apóia em meu ombro
seu ombro nenhum.

Interrogo meu filho,
objeto de ar:
em que gruta ou concha
quedas abstrato?

Lá onde eu jazia
responde-me o hálito
não me percebeste,
contudo, chamava-te

como ainda te chamo
(além, além do amor)
onde nada, tudo
aspira a criar-se.

O filho que não fiz
faz-se por si mesmo.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 78
Visto

S T Q Q S S D

/ /

"Oficina Irritada"

Eu quero compor um soneto duro
como poeta algum ousara escrever.
Eu quero pintar um soneto escuro,
seco, abafado, difícil de ler.
Quero que meu soneto no futuro
não desperte em ninguem nenhum prazer.
E que no seu maligno ar imaturo,
ao mesmo tempo saiba ser, não ser.
Esse meu verbo antipático e impuro
há de pungir, há de fazer sofrer,
tendão de Vênus sob o pedicuro.
Ninguém o lembrará: Tiro no muro,
cão mijando no caos, enquanto escrevo
claro enigma, se deixa surpreender.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 81
Visto

Sulamericana

S I O O S S D

/ /

"Amar"

Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer,
amar e malamar
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados, amar?

Que pode, pergunto, o ser amoroso,
sozinho, em rotação universal, senão
rodar também, e amar?
amar o que o mar à praia,
o que ele sepulta, e o que, na brisa marinha,
é sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia?

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 83
Vista

S T Q Q S S D

/ /

"Nova Canção do Exílio"

(A Josué Montello)

Um sabiá,
na palmeira, longe.
Estas aves, cantam
um outro canto.

O céu cintila
sobre flores úmidas.
Vozes na mata,
e o maior amor.

Só, na noite,
seria feliz:
um sabiá,
na palmeira, longe.

Onde é tudo belo
e fantástico,
só, na noite,
seria feliz.
(Um sabiá,
na palmeira, longe.)

Ainda um grito de vida e
voltar
para onde é tudo belo
e fantástico:
a palmeira, o sabiá,
e longe.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 95 Nº. Pág. 85
Visto

Sulamericana

S I Q Q S S D

/ /

"Consolo na Praia"

Vamos, não chores...
A infância está perdida.
A mocidade está perdida.
Mas a vida não se perdeu.

O primeiro amor passou.
O segundo amor passou.
O terceiro amor passou.
Mas o coração continua.

Perdeste o melhor amigo.
Não tentaste qualquer viagem.
Não possuis casa, navio, terra.
Mas tens um cão.

Algumas palavras duras,
em voz mansa, te golpearam.
Nunca, nunca cicatrizam.
Mas, e o humour?

A injustiça não se resolve.
À sombra de um mundo errado
murmuraste um protesto tímido.
Mas virão outros.

Tudo somado, devias
precipitar-te, de vez, nas águas.
Estás nua na areia, no vento...
Dorme, meu filho.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 87
Visto

Sul Americana

S T Q Q S S D

/ /

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 89
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 191
Fita

Quintana's Bar

Num bar fechado há muitos, muitos anos, e cujas portas de aço bruscamente se descerram, encontro, que eu não nunca vira, o poeta Mário Quintana.

Tão simples reconstituí-la toda identificação é vã. O poeta levanta seu copo. Levanto o meu. Em algum lugar - coxilha? montanha? vai rorejando a manhã

Na total desincorporação das coisas antigas, perdura um elemento mágico: estrela-do-mar ou Aldebarã?, Tamanquinhos, menina correndo com o gato. E corre com pés de lã.

Falando em voz baixa nos entendemos, eu de olhos cúmplices, ele com seu talismã. Assim me fascinaram outrora as feitiçarias da preta, na cozinha de picumã.

Na conspiração da madrugada, erra solitário - dissolve-se o bar - o poeta Quintana. Seu olhar devassa o nevoeiro, cada vez mais densa é a bruma de antanho. Fala de amigos que envelheceram ou que sumiram na semente de aveia.

Agora voamos sobre telas, à garupa da bruxa estranha. Para iludir a fome, que não temos, pintamos uma romã.

E já os homens sem província, despetala-se a flor aldeã. O poeta aponta-me casas: a de Rimbaud, a de Blake, e a gruta camoniana.

As amadas do poeta, lá embaixo, na curva do rio, ordenam-se em lenta pavana, e uma a uma,

Sulamericana

→

S T Q Q S S D

/ /

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 93
Visto

Sulamericana

/ /

S T Q Q S S D

gotas ácidas, desaparecem no poema. E há tantos anos, será ontem, foi amanhã? Signos criptográficos ficam gravados no céu eterno — ou na mesa de um bar abolido, enquanto, debruçado sobre o mármore, silenciosamente viaja o poeta Mário Quintana.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 94
Visto

S T Q Q S S D

/ /

"Brinde no Banquete das Musas"

Poesia, marulho e náusea,
poesia, canção suicida,
poesia, que recomeças,
de outro mundo, noutra vida.

Deixaste-nos mais famintos,
poesia, comida estranha,
se nenhum pão te equivale:
a mosca deglute a aranha.

Poesia, sobre os princípios
e vagos dons do universo:
em teu regaço incestuoso,
o belo cômper do verso.

Azul, em chama, o delírio
reintegra a essência do poeta
e o que é perdido se salva...
Poesia, morte secreta.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 95
Visto

S T Q Q S S D

/ /

"O Enterrado Vivo"

É sempre no passado aquele orgasmo,
É sempre no presente aquele duplo,
É sempre no futuro aquele pânico.

É sempre no meu peito aquela garra.
É sempre no meu tédio aquele aceno.
É sempre no meu som aquela guerra.

É sempre no meu trato o amplo distrato.
Sempre na minha firma a antiga fúria.
Sempre no mesmo engano outro retrato.

É sempre nos meus pulos o limite.
É sempre nos meus lábios a estampilha.
É sempre no meu não aquele trauma.

Sempre no meu amor a noite rompe.
Sempre dentro de mim meu inimigo.
É sempre no meu sempre a mesma ausência.

Carlos Drummond

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 97
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"Fazenda"

Veja o Retiro: suspiro
no vale fundo.
Retiro fica longe
do oceano imundo.
Ninguem sabia da Rússia
com sua foice.
A morte escolhia a forma
breve de um coice.

Mulher, abundavam negras
socando milho.
Rês morta, urubus rasantes
logo em concílio.
O amor das éguas rinchavam
no azul do pasto.
E criação e gente, em liga,
tudo era casto.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 101
Visto

Sulamericana

S I Q Q S S D

/ /

Infância

À Abgar Renault

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho entre as laranjeiras
lia a história de Robinson Crusoé,
comprida história que acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a cantar nos longes da senzala — e nunca se
esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.

Minha mãe ficava sentada olhando para mim:
— Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusoé.

Carlos Drummond de Andrade

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"Também Já Fui Brasileiro"

Eu também já fui brasileiro
moreno como vocês.
Ponteei viola, guiei guiei forde
e aprendi na mesa dos bares
que o nacionalismo é uma virtude.
Mas há uma hora em que os bares se fecham
e todas as virtudes se negam.

Eu também já fui poeta.
Bastava olhar para mulher,
pensava logo nas estrelas
e outros substantivos celestes.
Mas eram tantas, o céu tamanho,
minha poesia perturbou-se.

Eu também já tive meu ritmo.
Fazia isto, dizia aquilo.
E meus amigos me queriam,
meus amigos me odiavam.
Eu irônico deslizava
satisfeito de ter meu ritmo.
Mas acabei confundindo tudo.
Hoje não deslizo mais não,
não sou irônico mais não,
não tenho ritmo mais não.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 105
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"Cantiga de Viúvo"

A noite caiu na minh'alma,
fiquei triste sem querer.
Uma sombra veio vindo,
veio vindo, me abraçou.

Era a sombra do meu bem
que morreu há tanto tempo.

Me abraçou com tanto amor
me apertou com tanto fogo
me beijou, me consolou.

Depois riu devagarinho,
me disse adeus com a cabeça
e saiu. Fechou a porta.
Ouvi seus passos na escada.
Depois nada...
acabou.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 107
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"Sentimento do Mundo"

Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,
mas estou cheio de escravos,
minhas lembranças escorrem
e o corpo transige
na confluência do amor.

Quando me levantar, o céu
estará morto e saqueado
eu mesmo estarei morto.
morto meu desejo, morto
o pântano sem acordes.

Os camaradas não disseram,
e era necessário
trazer fogo e alimento.

Sinto-me disperso,
anterior a fronteiras,
humildemente vos peço
que me perdoeis.

Quando os corpos passarem
eu ficarei sozinho
desfiando a recordação
do sineiro, da viúva
e do microscopista
que habitavam a barraca
e não foram encontrados
ao amanhecer
esse amanhecer
mais noite que a noite.

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 109
Visto

Sulamericana

S I Q O S S D

/ /

"Esperteza"

Tenho vontade de
– poucamos amar
por esporte uma loura
o espaço de um dia.

Certo me tornaria
brinquedo nas suas mãos.

Apanharia, sorriria
mas acabado o jogo
não seria mais jogante,
seria eu mesmo.

E ela ficaria espantada
de ver um homem esperto.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 113
Visto

S T Q Q S S D

/ /

"Poema que aconteceu"

Nenhum desejo neste domingo
nenhum problema nesta vida
o mundo parou de repente
os homens ficaram calados
domingo sem fim nem começo.

A mão que escreve este poema
não sabe que está escrevendo
mas é possível que se soubesse
nem ligasse.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 115
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"Sweet Home"
-A Ribeiro Couto

Penumbra - luz, aconchego.
Teu braço morno me envolvendo.
A fumaça de meu cachimbo subindo.

Como estou bem nesta poltrona de humorista inglês.

O jornal conta histórias, mentiras...

Ora afinal a vida é um bruto romance
e nós vivemos folhetins sem o saber.

Mas surge o imenso chá com torradas,
chá de minha burguesia contente.
Ó gozo de minha poltrona!
Ó doçura de folhetim!
Ó bocejo de felicidade!

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 117
Visto

S T Q Q S S D

/ /

"Moça e Saudade"

Meus olhos espiam
a rua que passa.

Passam mulheres,
passam soldados.
Moça bonita foi feita para
namorar.
Soldado barbudo foi feito para
brigar.

Meus olhos espiam
as pernas que passam.
Nem todas são grossas...
Meus olhos espiam.

Passam soldados.
...mas todas são pernas.
Meus olhos espiam.
Tambores, clarins
e pernas que passam.
Meus olhos espiam
espiam espiam
soldados que marcham
moças bonitas
... para namorar
para brigar.
Só eu não brigo.
Só eu não namoro.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 119
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

"Confidência do Itabirano"

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso, sou triste e orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem sombras
e sem horizontes.
E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil,
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval,
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 121
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

"Segredo"

A poesia é incomunicável.
Fique ~~a~~ torto no seu canto.
Não ame.

Ouço dizer que há tiroteio
ao alcance do nosso corpo.
E a revolução? o amor?
Não diga nada.

Tudo é possível, só eu impossível.

O mar transborda de peixes.
Há homens que andam no mar
Como se andassem na rua.
Não conte.

Suponho que um anjo de fogo
varesse a ~~a~~ face da terra
e os homens sacrificados
pedissem perdão.
Não peça.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 123
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"Não se mate"

Carlos sossegue, o amor
é isso que você está vendo:
hoje beija, amanhã não beija,
depois de amanhã é domingo
e segunda-feira ninguem sabe
o que será:

É inútil você resistir
ou mesmo suicidar-se.
Não se mate, oh não se mate,
reserve-se todo para
as bodas que ninguem sabe
quando virão,
se é que virão.

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 125
Visto

O amor, Carlos, você felizmente
a noite passou em você
e os recalques se sublimando,
lá dentro um barulho inefável,
rezas,
vitrolas,
santos que se persignam
apúncios do melhor sabão
barulho que ninguem sabe
de quê, pra quê.

Entretanto, você caminha
melancólico e vertical.
Você é a palmeira, você é o grito
que ninguem ouviu, no teatro
e as luzes todas se apagam.

O amor no escuro, não, no
clara
é sempre triste, meu filho,
Carlos
mas não diga nada
a ninguem,
ninguem sabe nem
saberá.

Carlos Drummond de Andrade

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 127
Visto

S T Q Q S S D

/ /

"Canção para minha mulher"

Olha o bicho preto
que vem lá de longe
olha e fica quietinha.

Olha a lua nascendo
atrás daquela porta.
Tem um gato, um passarinho
um anel de brilhante,
todos três para você.

Dorme, que eu te dou
um vestido, um país,
te dou... ah isso não dou não.

Dorme que o gatuno
de olho de vidro
e smoking furtado
subia na parede
para te espiar.

Dorme bem de manso
senão eu te pego
te dou um abraço
e te espinha toda.

(Eu não sou daqui,
sou de outra raça
eu não sou brinquedo.)

Dorme na Argentina,
eu no Maranhão
dorme bem dormido.

Dorme que o capeta
está perguntando
quedê a mulher acordada,
para dormir com ela.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 123
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"Lembrança do mundo antigo"

Clara passeava no jardim com as crianças.
O céu era verde sobre o gramado,
a água era dourada sob as pontes,
outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados,
e guarda civil sorria, passavam bicicletas,
a pé menina pisava a relva para pegar um pássaro,
o mundo inteiro, a Alemanha, a China, tudo era
tranqüilo em redor de Clara.

As crianças olhavam para o céu: não era proibido.
A boca, o nariz, os olhos estavam abertos. Não havia perigo.
Os perigos que Clara temia eram a gripe, o calor e os insetos.
Clara tinha medo de perder o bonde das 11 horas,
esperava cartas, que custava a chegar,
nem sempre podia usar vestido novo. Mas passeava no
jardim, pela manhã!!!
Havia jardins, havia manhãs naquele tempo!!!

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 131
VLG16

Sulamericana

S T Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 133
Visto

"Elegia 1938"

Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,
onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo.
Praticas laboriosamente os gestos universais,
sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.

Heróis enchem os parques da cidade em que te arrastas,
e preconizam a virtude, a renúncia, o sangue frio, a concepção.
A noite, se neblina, abrem guarda-chuvas de bronze
ou se recolhem aos volumes de sinistras bibliotecas.

Amas a noite pelo poder de aniquilamento que encerra
e sabes que, dormindo, os problemas te dispensam de morrer.
Mas o terrível despertar prova a existência da Grande Máquina
e te repõe, pequenino, em face de indecifráveis palmeiras.

Caminha entre mortos e com eles conversas
sobre coisas do tempo futuro e negócios do espírito.
A literatura estragou tuas melhores horas de amor.
Ao telefone, perdeste muito, muitíssimo tempo de semear.

Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota
e adiar para outro século a felicidade coletiva.
Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição...
porque não podes sozinho dinamitar a ilha de Manhattan.

Carlos Drummond de Andrade

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"José"

E agora José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou
e agora, José?
e agora você?
você que é sem nome
que zomba dos outros,
você que faz versos
que ama, protesta?
E agora, José?

Está sem mulher
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar
cuspir já não pode
a noite esfriou
o dia não veio
o bonde não veio
o riso não veio
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo morreu
e agora, José?

E agora, José?
sua doce palavra
seu instante de febre
sua gula e jejum,
sua biblioteca
sua lavra de ouro
seu terno de vidro,
sua incoerência
seu ódio – e agora?

Com a chave na mão
quer abrir a porta
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?

Se você gritasse
se você gemesse
se você tocasse
a valsa vienense
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre
Você é duro, José!

Sozinho no ~~escuro~~ escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia
sem parede nua
para se encostar
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 135
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 137
Visto

"Anúncio da rosa"

Imenso trabalho nos custa a flor.
Por menos de oito contos, vendê-la? Nunca.
Primavera não há mais doce, rosa tão meiga,
onde abrirá? Não, cavalheiros, sede permeáveis.

Uma só pétala resume auroras e pontilhismos,
sugere estâncias, diz que te amam, beijai a rosa,
ela é sete flores, qual mais fragrante, todas exóticas
todas históricas, todas catárticas, todas patéticas.

Vêde o caule,
traço indeciso.

Acerca da rosa, não me revelo, sou eu, quem sou?
Deus me ajudará, mas ele é neutro, e mesmo duvido
que em outro mundo alguém se curve, filtre a paisagem,
pense uma rosa na pura ausência, no amplo vago.

Vinde, vinde
olhai o cálice.

Por preço tão vil mas peça, como direi, auriflamada
não, é cruel existir em tempo assim filaucioso.
Injusto padecer exílio, pequenas cólicas cotidianas,
oferecer-vos alta mercancia estelar e sofrer vossa irrisão.

Rosa na roda,
rosa na mágoa,
apenas rósea

ACERVO ANTONIO SODRÉ

(cont.)

S T Q Q S S D

/ /

Selarei, verde murcha; meu comércio incompreendido,
pois jamais virão pedir-me, eu sei, o que
de melhor se compôs na noite,
e não há oito contos. Já não vejo amadores de
rosa.
O fim do parnasiano, começo da era difícil, a
burguesia apodrece.

Aproveitem... A última
rosa desfolha-se.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 139
Ficha

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"Remissão"

Tua memória, pasto de poesia,
tua poesia, pasto dos vulgares
vão se engastando numa coisa fria
a que tu chamas: vida, e seus pesares.

Mas, pesares de que? perguntaria,
e este travo de angústia nos cantares,
se o que dorme na base da elegia
vai correndo e secando pelos ares,

e nada resta, mesmo, do que escreves
e te forçou ao exílio das palavras
senão contentamento de escrever,

enquanto o tempo, em suas formas breves
ou longas, que sutil interpretavas,
se evapora no fundo do teu ser?

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 141
Visto

S T Q Q S S D

/ /

"Canção para álbum de moça"

Bom dia: eu dizia à moça
que de longe me sorria.
Bom dia: mas da distância
ela não nem me respondia.
Em vão a fala dos olhos
e dos braços repetia
bom-dia à moça que estava,
de noite como de dia
bem longe de meu poder
e de meu sobre bom-dia.
Bom dia sempre: se acaso
a resposta vier fria
ou tarde vier, contudo
esperarei o bom-dia.
E sobre casas compactas,
sobre o vale e a serrania,
irei repetindo manso
a qualquer hora: bom dia.
O tempo é talvez ingrato
e funda a melancolia
para que se justifique
o meu absurdo bom-dia.
Nem a moça pre reparo
não sente, não desconfia
o que há de carinho preso
no cerne deste bom-dia.
Bom dia: repito à tarde
à meia-noite: bom dia.
E de madrugada vou
pintando a cor do meu dia,
que a moça passa encontrá-lo
azul e rosa: bom dia.
Bom dia: apenas um eco
na mata (mas quem diria)
decifra minha mensagem,
deseja bom o meu dia.
A moça sorrindo ao longe,
não sente, nessa alegria
o que há de rude também
no clarão deste bom-dia.
De triste, túrbido, inquieto
noite que se denuncia
e vai errante, sem fogos,
na mais louca nostalgia.
Ah, se um dia respondesses
ao meu bom-dia: bom dia!
Como a noite se mudara
no mais cristalino dia!

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 143
Visto

Carlos Drummond de Andrade

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"O Quarto em desordem"

Na curva perigosa dos cinqüenta
derrapei nesse amor. Que dor! que pétala
sensível e secreta me atormenta
e me provoca à síntese da flor.
que não sabe como é feita: amor,
na quinta-essência da palavra, e mudo
de natural silêncio já não cabe
em tanto gesto de colher e amar
a nuvem que de ambígua se libui
nesse objeto mais vago que nuvem
e mais defeso, corpo! corpo, corpo,
verdade tão final, sede tão vária,
e esse cavalo solto pela cama,
a passear o peito de quem ama.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 145
Visto

S T Q Q S S D

15/10/10

"Eterno"

É como ficou chato ser moderno.
Agora sou eterno.

Eterno! Eterno!
O Padre Eterno,
a vida eterna,
o fogo eterno.

(Que silence éternel de ces espaces infinis m'effraie.)

— O que é eterno, Yayá Ipiranga?
— Ingrato! é o amor que te tenho.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 147
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

15/10/17

"Sonetos do Pássaro"

I

Amar um passarinho é coisa louca.
Gira livre na longa azul gaiola
que o meu peito me constringe, enquanto a pouca
liberdade de amar logo se evola.
É amor meação? pecúlio? esmola
Uma necessidade urgente e rouca
de no amor nos amarmos se desola
em cada beijo que não sai da boca.
O passarinho baixa a nosso alcance
e na queda submissa em vôo segue,
e prossegue sem asas, pura ausência,
outro romance oculso no romance.
Por mais que amor transite ou que se negue,
é canto (não é ave) sua essência.

II

Batem as asas? Rosa aberta, a saia
esculpe, no seu giro, o corpo leve.
Entre músculos suaves, uma alfaia,
selada, tremeluz à vista breve.
O que, mal percebido, se descreve
em termos de pelúcia ou de cambraia,
o que é fogo sutil, soprado em neve,
curva de coxa atlântica na praia,
vira mulher ou pássaro? No rosto,
esse mesma expressão aérea ou grave,
esse indeciso traço de sol-posto,
de fuga, que há no bico de uma ave,
o mais é jeito humano ou desumano
conforme a inclinação de meu engano.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 149
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"Remate"

Volta o filho pródigo
à casa do pai
É o próprio pai é morto desde Adão.
Onde havia relógio
é cadeira de balanço.
vacas estrumam a superfície.
O filho pródigo falcia
assobia fareja convoca
as dezoito razões de fuga
e nada mais vigora
nem soluça.
Ninguém recrimina
ou perdoa,
ninguém recebe.
Deixa de haver o havido
na ausência de ~~falta~~ fidelidade
é ~~é~~ traição.
Jogada no esterco verde
a agulha de gramofone
varre de ópera o vazio.
O ex-filho pródigo
perde a razão de ser
e cospe
no ar estritamente seco.

Carlos Drummond de Andrade

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 151
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

1 1

"É Carnaval"

É carnaval e os sonhos
Se repartem em mil pedaços
Ao som de uma marcha-rancho
Que no calor de teus braços
Passa então, uma passista
Toda esguia e que insinua
Em meio ao samba de rua
Seduzindo, requebrando,
Regendo um sonho que passa
Com graça, garbo e malícia
Imagem que delicia (numa quase-rima)
Que hipnotiza os olhares
Ao vê-la assim tão fogosa
Brilha, treme, sonha, goza (numa quase-soneto)

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 155
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

Depois que o sonho passou
Muita coisa aconteceu
O que era meu já não era
Se perdeu o que era meu

No sonho eu era tão rico
Possuindo ouro e fama
Vivia gozando a vida
Sempre envolto em mil prazeres
Muitas mulheres na cama

Mas o sonho se acabou
E me por mim tão pobre
Sem nem ter o que comer
E nos bolsos nenhum cobre

Triste ilusão dessa vida
A nos deixar sempre só
Rodando a mó do moinho
E a nos esmagar sem dó

Antonio Sodré - 1º poeta da transmutação

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 157
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 159
Visto

"Bucólica"

I

Inspirou-me a voz do vento
Que soprava docemente
Essa brisa me acalmava
Era alegre o momento

II

Meu amor disse sorrindo:
"Meu bem estou tão feliz
Estar assim do teu lado
Foi tudo que sempre quiz

III

A caminho de uma fonte
Nós fomos indo contentes
Beber da água mais pura
A tarde era das mais quentes

IV

Saciamos nossa sede
Também de amor e carinho
Tiramos a nossa roupa
Fomos nadar no laguinho

V

Ela que estava na frente
Me provocou toda prosa:
Vem me pegar, meu peixinho
Vem colher a sua rosa!

VI

Depois do mergulho dela
Em seguida fui o meu
Ela fisgou seu "peixinho"
Com gosto e muito carinho

Antonio Sodré - O poeta da transmutação

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

Esse mundo não é meu
Não é seu nem de ninguém:
Nós é que somos dele
Como tudo que ele tem.
Antônio Sodré - o poeta da transmutação

Venha pousar no meu colo
Meu passarinho sem asa
Pois asas eu vou te dar
Se você se acomodar
Nesse assento que ofereço.

Vais flutuar levemente
Quando eu beijá-la na boca
Vamos voar bem gostosos
Trocando muitos carinhos
Num vôo delicioso
Pelo céu das nossas bocas
Antônio Sodré - o poeta da transmutação

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 161
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

17/10/10

"Vida amarga"

Amarga como a cereja
É a vida de um cantor
A cantar amor e dor
"Prantando" cantos
Por esses cantos do mundo.

Um vagabundo, eu diria
Seguindo a esmo sem rumo
E equilibrando sem prumo
Entre uma nota e outra...

Toda teatros e bares
Secado pelos olhares
De uma platéia que aplaude

Porem quando as palmas cessam
Respira fundo o cantor
Pois sabe que a dor é tudo
Antônio Sodré - o poeta da transmutação

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 163
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

I

Lindíssima ave que trina
Encantando meus ouvidos
Com esses lindos sonidos

II

Assovia docemente
Uma melodia em Sol
A brilhar em minha casa
Feito um anjinho sem asa
Que me encanta sem voar.

Antônio Sodré - o poeta da transmutação

"Ventolegue"

Brisa que bate suave
Assanhando meus cabelos
Inusível, delicada,
Distribuindo carinho...

Passa pois de bem de mansinho
Grande sopro de um legue
Que me abana,
Nessa tarde cuiabana...

Antônio Sodré - o poeta da transmutação

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 165

Sulamericana

S I Q Q S S D

17/10/10

I

Ponho o rosto no espelho:
Já estou ficando velho!

II

... e assim vai passando o tempo
à rachar a nossa cara
cara que já foi tão lisa
como mármore de Carrara...

III

Hoje essa cara não passa
De uma escultura rachando
Que vai trincando, trincando
Até reduzir a face
À uma alface murchada.

Antônio Sodré - o poeta da transmutação

I

É linda essa que passa
Que até arrisco um verso
Rimando ele com graça

II

Não me importa se alguém cobre
Se a rima é rica ou pobre...

III

O importante é que eu faça
Esse poema com graça
Prá essa musa-que-passa!!!

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 167
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

17 / 10 / 10

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 169
Visto

Ao passar o enterro
Ninguem chorava
Só ria
Era um palhaço que ia...
Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Fiquei estupefato:
Vi um rato
Correndo atrás de um gato
Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Gritei por Solange.
O eco então respondeu:
Tá longe
tá longe...
longe...
longe...
Antonio Sodré - o poeta da transmutação

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 169
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45
Nº. Pág. 171

"Didêtâncias"

I

Se me derreto ao calor
É porque não sou de aço
Sobrevivendo ao cansaço
Traço meu arco-de-sonhos...

II

... e assim vou levando a vida
sendo levada também
subindo e descendo morro...

III

Desse jeito vou morrendo:
Morro, descendo e subindo
Caindo como uma pedra
Que despenca de um abismo...

IV

Às vezes, cismo que estou
Vagando, seguindo a esmo
Nesse mergulho sem fim
Que esqueço de até de mim mesma

V

Tal como uma folha seca
Que vai pr'onde vai o vento
Vivenciando o momento
Viajando na incerteza

VI

Pois na mesa em que como
Me alimento de tristeza
Misturada com a dívida:
Eu sempre em dívida com a vida
E ela em dívida comigo..

VII

Pois nem sequer uma amiga
Compartilha esse alimento
De dor, tristeza e tormento!
(Alguém aí, é serrido?!)

Sulamericana

Abóbora na Carruagem de Fogo

S T Q Q S S D

I

Ela mesma conduzia
Uma carruagem a motor
Com muito amor dirigia
Até chegar em um bar
Em que eu estava bebendo

II

Estando pois, eu de costas
Quando ela chegou sorrindo
E se sentou do meu lado

III

Com o som do bar ligado
Não notei que ela tinha
O seu carro estacionado

IV

Desse modo achei que ela
Pelas forças dos seus pés
Na mesa tinha chegado

V

Era quase meia-noite
Quando olhei pro relógio
Do meu celular ligado

VI

Então eu disse sorrindo
Pra ela, todo encantado
"Já é quase meia-noite,
Cuidado se não "cê" vira
Abóbora aqui do meu lado

VII

De pronto, subitamente
Ela então, se levantou
Descalça, com os pés no chão

VIII

Bajulando, pois, sua mão
Suspirei. Olhando em torno
E vi que ela rumava
Na direção de um carro
Que estava ali parado..

IX

Abrindo as portas do carro
Pisou no acelerador
E sorrindo, foi embora
Na carruagem a motor

Antônio Sodré
A pedido da Transmissão

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 173
Visto

Sulameri

S I O O S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 175
Visto

I

Com o terço nas mãos desfia
Todo o seu medo e angústia...

II

Será que a crença nos deuses
Lhe dá segurança plena?!

III

Tem a face serena
Acalmada pelos dedos prestativos
Que se movem, entre uma e outra fala
Que sussurradas ecoam
Pelo Vale do Sem-Fim.
Amém...

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

(Aviso aos Músicos)

Quando fores tocar uma música

Peça em Silêncio
Licença ao Silêncio:

(- Com licença, Seu Silêncio!)

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Ah! Meus sonhos de menino,

Era tão linda a menina!

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"Sentido da Vida"

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 177
Visto

O sentido dessa vida
É ela não ter sentido
Digo isso, assim perdido
Porque me achei, por acaso

Caso não ache razão
Nesse meu enunciado
Então porque que a dúvida
Anda sempre do teu lado?

Viver é gastar os corpos
Veja o seu, veja o meu
Já estão bem gastos
Veja nos pastos, os bois
Virarão pastos depois!!!

Pois num constante engolir
Num devorar imanente
Um permanente indagar
Devorando a nossa mente
Que de tanto pensar, pira...

Respira tudo que é seiva
Num sol infinito e vasto.
E assim com esse ar gasto
Transpondo o Vale da Dor
Digo num espirro incontido
Depois de ter refletido
Sobre o sentido da vida
É que ela não tem sentido...

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

I

Perde o senso do ridículo
Apronta sem perceber
Talvez até porque mal tem
O amor que deseja ter

II

E assim nessa esparrela
Cultivando tanta asneira
Tem gente que quando ama
Comete muita besteira

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 179
Visto

Uôôô!!! ~~Exclamei~~ ai que sono!

Exclamei abrindo a boca

Engolindo a própria noite...

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Para muitos Deus é o tudo

Para outros Deus é o nada

Prá mim... ele é o eixo da roda!!!

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"Mes de Abril"

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 181
Visto

I

O mes de abril começou
Abrindo as portas prá mim.
Era a vida me sorrindo
E eu achando aquilo tudo
Muito lindo... muito lindo

II

Arranjei melhor emprego
E um namoro interessante
Me tornei um bom amante
Ardendo-me, de amor, contente

III

Abriram-se, pois mil portas
Só prá mim poder entrar
Mil tapetes estendidos
Prá poder pisar macio

IV

Era festa e galanteio
Em dias felizes, raros
Ganhando presentes caros
Até carros, eu ganhei

V

É! O mes de abril, seu moço
Virou tremendo alvoroço
Pois em seu primeiro dia,
Mentia, me acordando

Antônio Sodré - o poeta da transmutação

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

Cinzas Brancas
(p/ Augusto dos Anjos)

Aquele poema que escrevi a giz
Teve vida breve e infeliz
Ao vomitar para fora
Todo esse meu tormento
Envolto em tristeza e sofrimento
Esse soneto de dor e amargura
Não teve sequer o direito
De baixar-se à sepultura
Virou cinzas ao ser apagado
Cinzas brancas de um cal
Que em forno, mal foi ~~cozido~~ queimado
Sobras de um sonho sem sentido
Inscrito em lousa gelada:
Destino cruel que teve; nadando no mar do nada

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 183
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 185
Xerox

I

Passarinho que trafega
Ao longo dessa avenida
Cuidado com o bicho homem
Que pode tirar-lhe a vida
Dentro de um bicho de lata
Com quatro patas enormes!

II

Use pois as suas asas
Que te faz um ser alado
Pois andando aqui embaixo
Tu correrás sempre o risco
De seres atropelado

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

"Recado"

I

E aí, você que pensa-que-pensa
Será que só "pensá", compensa?!

II

Sua cabeça "tá" densa
Com tanta elocubração
(Se livre das teorias) parta logo prá ação.

III

Veja os pássaros nos ares
E as formigas nos caminhos
Não perdem tempo "só-pensando"
Cavando pequenos túneis
Vão Carregando seus ramilhos
Vão construindo seus ninhos.

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

I

Ai! Sombra do meu lápis escrevendo...
Expõe meus sentimentos rabiscando
Algo como um grito sufocado,
Venho sofrido um bocado, ultimamente...

II

Vá em frente, rodopiando
Entre erres e cedilhas
Compondo odes, sonetos, redondilhas
Guiada por mãos que tremem versos...

III

Como seta que desliza, teus por meta
Pôr no papel aquilo que enchia o poço
Da mente de um moço
tresloucado
Que transido de dor, desenha o sonho...

Antônio Sodré - o poeta da transmutação

"Sobre o Corpo"

I

"Esse calor que derrete
Nossos corpos de manteiga
Me disse um dia, André Veiga:
Nós não somos seres sólidos!

II

... "somos líquidos, completa
Temos só capa de carne
De água e sangue repleta

Antônio Sodré - o poeta da transmutação

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 187
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"Shakespearation"

I

Lá vai Shakespeare cavalgando lentamente
Pensando talvez num personagem
Que o acompanha na viagem
Galopando veloz num chão de sua mente:

Imaginá-lo com capa e espada
Duelando em meio à bruma espessa
Com um golpe cruel cortando a cabeça
Do inimigo que teima em combatê-lo

Tem pelo o porte de herói
O cavaleiro que Shakespeare propõe
Justo, leal, verdadeiro e forte
A zombar da sorte em loucas aventuras.

II

Cavalgando mundos, embora no chão
Lá vai pois o mago da imaginação
A compor mais um drama envolvente
Falando de amor, morte e traição...

Sobre o seu cavalo, agora com pressa
Shakespeare galopa pela via expressa
Pois mais uma peça ele está "sonhando"...

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 159
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. ___ Nº Pág. ___
Visto ___

Vel. Felrice e Abandono
(p/ Lord Byron)

I

Em completo abandono
Na mais cruel solidão
Me exibi no porão
De uma casa antiga, ruindo

II

Eu estava arruinado
Ateu sem lei e sem pátria
Feito um cigano doente
Sem poder me deslocar

III

Só quem teve a experiencia
De padecer com paciência
As dores que a vida dá
É que pode descrever
Esse quadro de tristeza:

IV

Alguém me trazia pão
Com um copo cheio d'água
Anunciando a chegada
Dando uma gargalhada:
— Ah! Ah! Ah! Pega aí,
seu pão dormido!

V

Quase cego eu só via
Um vulto de capa escura
Fumando com ansia louca
Um charuto fedorento

VI

As badaladas de um sino
Marcava as horas do dia
Lá pelas oito da noite
Se ouvia uma doce melodia

VII

Era uma voz feminina
Soprano prá ser exato
Trinando como um canário
Enquanto o sino tocava
Ao longe, no campanário

VIII

Amor distante era o tema
Das árias que ela cantava
Eu sozinho, ali chorava
Lembrando de alguem que tive

IX

Na escuridão dum porão
Quebrada pela penumbra
De um toco de vela acesa
Bruxuleando na mesa

X

Uma mesa velha aos pedaços
Que eu recostava os meus braços
Sentado em uma cadeira
Que rangia suplicante

X

Um catre apodrecido
Coberto de lona velha
Era o meu leito de sonhos
Com caveiras à dançar...

Antonio Sodré
o poeta da transmutação

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

Porque se preocupar com a inutilidade da gramática?

As palavras saltam no ar e se dissolvem ninando vento

Não a palavra vento que presa numa folha de papel
Não sacode as folhas da palmeira...

Nas conjugações verbais perdi um tempo precioso.
Da minha infância que se foi
Conjugando tempos mortos feitos pra dormir o boi...

Antônio Sodré - o poeta da Transmutação

Toda manhã quando vou para o trabalho
O cachorro do vizinho, latindo
Me cumprimenta!

Antonio Sodré - o poeta da Transmutação

Adormeci pensando em você:

Daí, não deu outra,

Sonhei com você a noite inteirinha

Antonio Sodré - o poeta da Transmutação

Ai dos meus olhos:

Que ao te ver, desaguem

Antonio Sodré - o poeta da Transmutação

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 193
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"Ex- Tética"

I

Há feiura na beleza?!
Podem dizer que não há
Muita gente vai dizer
Mas eu arrisco escrever:
Feiura é beleza pura!

II

Beleza vista na forma
É objeto de estética
Porém a mesma na essência
É uma questão de ética

III

Se o feio vejo na forma
Não observo nos seres a beleza interior
Pois seres belos se casam
Com feios por muito amor

IV

Enquanto estou terminando
Mais um poema, cujo tema
É a beleza confrontada com a feiura
Alguem que muito me atura
Me diz com ar de deboche
(Numa hora bem imprópria)
Que advogo em causa própria

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 197
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 199
Visto

É linda a voz da loura
É linda a loura
Nua a cantar na tarde quente...

Seus pés no asfalto ardem em brasa
Seus cabelos loiros e longos
Parecem voar, soltos no ar...

Enquanto isso, uma sirene de ambulância
Rasga a beleza da tarde
Que em vão tenta se livrar
Das mãos de um insolente
Que sem dó a amarra
Numa camisa-de-força...
Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Estava pensando nela...
Epa! É ela que passa
Veloz numa bicicleta
Antonio Sodré - o poeta da transmutação!

Não sou eu que me tenho,
É você que me tem!
Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Sulamericana

S I O O S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 207
Visto

Chamei pelo vento
e ele veio suave
como brisa leve
Porem foi breve,
Muito breve
Só me dando o ar da graça...

Ah! Vento-que-passa...
Antônio Sodré - o poeta da Transmutação

I

Quando cantamos, nós viramos pássaros...

II

Por não termos asas prá poder voar

á gente voa, cantando...
Antonio Sodré - o poeta da Transmutação

Insônia

Lá vai mais um dia,

Noite adentro,

Há muito que perdi meu centro
Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Afogamento

Depois que matei a sede
Fui engolido por ela!
Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 48 Nº. Pág. 203
Visto

"Castelo de Areia"

I

No meu Castelo de Areia
Eu te corri Rainha
Oh, que tempo tão gostoso
Quanta ilusão que eu tinha

II

Os anos foram passando
Janeiros se repetindo
Você partiu pra bem longe
Eu fui me desiludindo

III

Hoje em sonho quando a vejo
Te dou um beijo na testa
E o nosso Castelo em festa
Fica cheio de alegria

IV

Quando acordo me dou conta
Da dura realidade
O Castelo se desfaz
Trazendo louca saudade

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"Saudade com arroz e feijão"

Amanhã é segunda e voltaremos a nos encontrar
Enchendo de encanto meus olhos...

Se canto é prá você que canto
Se choro é por você meu pranto
É domingo. É o calor me abraça,
Me abrasa.

Te busco em meio ao calor
Nessa hora em que me chamam prá almoçar.
Vou só pensar em você, enquanto almoço.

Tô seco de saudade e você sabe
Que antes que tudo acabe
Transformo em arroz e feijão
Toda essa ânsia louca de te ver...

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

"Cantiga de Passadeira"

I

Já que a vida é uma passagem
Eu a passo a ferro-quente...

II

Eu levo a vida passando
Já que a vida é uma passagem...

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Cantiga de rezadeira

Epá vai, Maria,
Cheia de graça!

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 205
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 207
Visto

"RIMÉLA"

...e se é bate o frio
meu nariz congela
batendo a saudade
eu só penso nela
cachorro latindo, frango na panela
pedindo o talher
trazem-me a tigela
namorada a gorda
paquero a magrela
mas prá me casar
prefiro a Marcela
pois além de rica
me ama e é bela...

Tás de saco cheio
De rimas com ela

De fininho eu saio,
Fecho meu balaio...
Antonio Sodré - o poeta da transmutação

São caras

Todas as caras

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Sulamericana

S I O O S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 209
Visto

"Descompasso"

I

Não vou além de mim
Não me ultrapasso
Quando muito me laço
Com meu próprio laço

E assim vou vivendo
Preso a mim
(Na medida da vida)
Num compasso
Sempre em descompasso
Com meu próprio passo

Não indo além de mim
Passando a vida assim
E... fim.

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Sulamericana

S T Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 211
Visto

A bateria sacode o samba a noite inteira

Tava esperando baixar uma forma
Quando... ei-lo, eis que baixa
Bem na hora precisa do momento iniciático...

Daí, fiquei pensativo que só vendo...
Pensei em ir lá fora tomar um ar, "mais que nada",
Fiquei sentado esperando a "bonda passar"
E eis que ela passa
Sem graça e devassa:

Ainda bem que tem cerveja
Na mesa do bar

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Garça Garça
que
passa
Cheia
de
graça...
Garça
que
frássa
no!

Sulamericana

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

S T Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 213
Visto

I

Voa pelo céu por entre nuvens
Um pássaro de vôo excelso e raro
E eu aqui debaixo admirando
Por olhá-lo assim, eu nunca paro!

II

A brisa suave leva a ave
Pelos ares do prazer a flutuar
Enquanto ela segue feliz
Sempre a gralhar
A dizer que não existe nesse mundo
Coisa mais gostosa que voar...

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Faz silêncio...

Mas o pensamento

Canta aqui dentro de nós...

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Sulamericana

S T Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 215
Visto

Devaneios,

I

A imagem encanta os olhos
O som encanta os ouvidos
E assim vamos sorvendo
A usar nossos sentidos

II

Uma voz que canta ao longe
Ou um pássaro que solfeja
Causa sempre a sensação
De que a vida sorrio seja

III

A paisagem colorida
Das flores em um jardim
Hipnotiza os meus olhos
Pousando em rosas, jasmins

IV

Meus pensamentos revoam
Criando asas talvez
Eu sofro ao te ver assim tão longe
(Será pura insensatez?!)

V

Se a saudade é loucura
Nos levando ao que é vago
Então deve ser por isso
Que ao pensar-te, divago.

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Sulamericana

S I Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 217
Visto

"Pelo Telefone"

A voz ecoa ao longe...
Por um fio... tudo se resolve hoje em dia
E o que era impossível a milhares de anos atráz
Hoje se realiza como num passe de mágica...

Como há mil anos ainda ouço
As cigarras ecoarem seus cantos.
Foguetes ruidosos explodem ecoando também.
A noite já está quase encobrindo o Vale do Dia,
E no meu quarto escuro
Acendo uma lâmpada de Edson
Enquanto a caneta rabisca:

Um Ano Novo começa
Úmido, chuvoso e bem quente...

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Sulamericana

S T Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 219
Visto

Cuia

baby,

Cuia

bem

Cuia

bem

Cuia

bom

bom...

Antônio Sodré - a porta da transmutação

Sulamericana

S T Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 221
Visto

"Sonho do Sonho"

Em sonho me vi sonhando
Com os olhos bem abertos
Perdidos na imensidão
Por mares, vales, desertos.

Criastes asas, voando
Por esse mundo sem-fim
Flutuavas como um anjo
E acenavas pra mim

Lá no alto me chamavas:
– Vem, voar, comigo, vem!
Não posso eu lhe respondia,
Não tenho asas, meu bem!

Nesse momento acordei
Desse meu sonho encantado
Fechei os olhos de novo
Fiquei sonhando acordado.

Antonio Sodré - o poeta da Transmutação

Ao abrir a janela,
Só veja você!

Sulamericana

S T Q Q S S D

~~N/Pro almoço~~ Pro almoço...
A mosca não foi convidada...

Porém a mal educada
Tentar dar uma garfada...

Sai, prá lá, mosca atentada!
Antonio Sodré - o poeta da Transmutação

O riso contente
Na boca-sem-dente:

... adorável sorriso da velha banguela
nessa manhã fria e calma
ensinando que o riso
nasce em nossa alma
e não na boca da gente...
Antonio Sodré - o poeta da Transmutação

Em cada passo que piso,
Em cada passo que passo...

Piso sobre o chão
Que nada diz,
Que não reclama...

O chão é bom
Eu sou ruim
Pois piso nele...
Antonio Sodré - o poeta da transmutação

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 223
Visto

Sulamericana

S I Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 225
Visto

"Estátuas"

Todas as estátuas são líbricas!
Tétricamente geladas e silenciosas...
Pedras evocando homens mortos
Caladas e ausentes
Ocupando lugar nas praças!
Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Nessa mesa de três assentos
Eu sou o mais novo deles!
Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Perdido pela rua, andando à esmo,
Penso em você,
Meu Tormento.
Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Eu não sou daqui desse lugar
Estou aqui de passagem
Como esse rio que vai...
Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"Ser ou não ser, eis a questão"
(To be, or not to be, that is the question)
William Shakespeare

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 227
Visto

Duas caveiras postadas
Uma ao lado da outra
Qual delas é mais bonita?!

A da esquerda é:
De uma atriz da "dolce-vita"
A da direita porem
É de um mendigo sem vida...

Em vida ambos tiveram diferentes predicados:
A atriz linda e vaidosa
Era uma rosa em botão!

Já o mendigo coitado,
Feio, sujo e maltratado
Fugia todos os olhares
Causando nojo, dó, desprezo.

Hoje as duas faces juntas
Esqueléticas, sem carne
Se igualam no mesmo móvel.

É incrível pois, a vida
Depois que ela vai embora:
A atriz que tão linda fora
Hoje é feia caveira.

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"Epígrafe"

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. ... Nº Pág. ...
Visto

Sou bem-nascido, Menino,
Fui, como os demais, feliz.
Depois, veio o mau destino
E fez de mim o que quiz.

Veio o mau gênio da vida,
Rompeu em meu coração,
Lavou tudo de vencida,
Fugiu como um furacão.

Tombou, partiu, abateu,
Queimou sem razão nem dó —
Ah, que dor!
Magoado e só,
— Só — meu coração ardeu.

Ardeu em gritos dementes
Na sua paixão sombria...
E dessas horas ardentes
Ficou esta cinza fria.

— Esta parca cinza fria...

Manuel Bandeira (1917)

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 229
Visto

S T Q Q S S D

/ /

"Desencanto"

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. ___ Nº. Pág. ___
Visto

Eu faço versos como quem chora
De desalento... de desencanto...
Fecha o meu livro, se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto.

Meu verso é sangue. Volúpia ardente...
Tristeza esparsa... remorso vão...
Dói-me nas veias. Amargo e quente,
Cai, gota a gota, do coração.

E nestes versos de angústia rouca
Assim dos lábios a vida corre,
Deixando um acre sabor na boca.

— Eu faço versos como quem corre.

Manuel Bandeira. (Teresópolis, 1912)

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 231
Visto

Sulamericana

S I Q O S S D

"Poemeto Erótico"

Teu corpo claro e perfeito
— Teu corpo de maravilha.
Quero ~~possuí-lo~~ possuí-lo no leito
Estreito da redondilha...

Teu corpo é tudo que brilha,
Teu corpo é tudo que cheira
Rosa, flor de laranjeira

Manuel Bandeira

Teu corpo é tudo que cheira...
Rosa... flor de laranjeira...

Teu corpo, branco e macio,
É como um véu de noivado...

Teu corpo é pomo doirado

Rosal queimado de estio,
Desfalecido em perfume...

Teu corpo é a brasa de lume...

Teu corpo é chama e flameja
Como à tarde os horizontes...

É puro como nas fontes,
A água clara que serpeja
Que em cantigas se derrama

Mistéria da água e da chama...

A todo momento eu vejo...
Teu corpo... a única ilha
No oceano do meu desejo

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 233
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 235
Visto

"Bacanal"

Quero beber! cantar asneiras
No riso brutal das bebedeiras
Que tudo ~~turva~~ emborca e faz um caco...
Evoé Baco!

Hoje se me parte a alma levada
No turbilhão da mascarada,
A gargalhar em doudo assomo...
Evoé! Momo!

Lancem-na toda, multicolores,
As serpentinas dos amores,
Cobras de lívidos venenos...
Evoé Vênus!

Se perguntarem: Que mais queres,
Além de versos e mulheres?...
— Vinhos!... o vinho que é o meu fraco!...
Evoé Baco!

O alfange rútilo da lua,
Por degolar a nuca nua
Que me alucina e que eu não domo!...
Evoé Momo!

A ~~tua~~ loira etérea, a grande loira!
Por que eu extática desfira
Em seu louvor versos obscenos,
Evoé Vênus!

Manuel Bandeira (1918)

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"Vulgívaga"

Não posso crer que se conceba
Do amor senão o gozo físico!
E meu amante morreu bêbado
E meu marido morreu tísico!

Não sei entre que astutos dedos
Deixei a rosa da inocência.
Antes da minha puberdência
Sabia todos os segredos...

Fui de um... Fui de outro... Este era médico...
Um poeta... Outro, nem se mais!
Tive em meu leito enciclopédico
Todas as artes liberais.

Aos velhos dou o meu orgulho.
Aos feridos, o que os esfria.
A artistas, a coquetterie
Que inspira... E aos tímidos — o orgulho.

Estes, cacôo-os e depene-os:
A canga fez-se para o boi...
Meu claro ventre nunca foi
De sonhadores e ingênuos!

E todavia se o primeiro
Que encontro fere toda a lira,
Amanso. Tudo se me tira.
Dou tudo. E mesmo, dou dinheiro...

Se bate, untas como o estrumeco
Oh, a volúpia da pancada!
Dar-me entre lágrimas, quebrada
Do seu colérico arremesso...

E o cio atroz se me não leva
A vadiacentos de canalhas,
É porque temo pela treva
O fio fino das navalhas...

Não posso crer que se conceba
Do amor se não o gozo físico
E meu amante morreu bêbado
E meu marido morreu tísico!

Manuel Bandeira

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 238
Visto

S T Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol: 45 Nº. Pág. 241
Visto

Andorinha

Andorinha lá fora está dizendo:
— "Passei o dia à toa, à toa!"

Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!
Passei a vida, à toa, à toa

Manuel Bandeira

"Cunhatã"

Vinha do Pará.
Chamava Siquê.
Quatro anos. Escurinha. O riso gutural da raça.
Piá branca nenhuma corria mais do que ela.

Tinha uma cicatriz na testa:
— Que foi isto, Siquê?
Com voz de detrás da garganta, a boquinha tuíra:
— Minha mãe (a madrasta) estava costurando;
Disse vai ver se tem fogo
Eu soprei eu soprei eu soprei não vi fogo
Aí ela se levantou e esfregou com minha cabeça na brasa

Riu, riu, riu...
Uerêquitána.
O ventilador era a coisa que roda.
Quando se machucava dizia: Ai Zizus! (1927)

Manuel Bandeira

Sulamericana

S I Q Q S S D

/ /

"A Estrada"

Esta estrada onde moro, entre duas voltas do caminho,
Interessa mais que uma avenida urbana.
Nas cidades todas as pessoas se parecem.
Todo o mundo é igual. Todo o mundo é toda gente.
Aqui, não: sente-se bem que cada um traz a sua alma.
Cada criatura é única.
Até os cães.
Estes cães da roça parecem homens de negócios:
Andam sempre preocupados.
E quanta gente vai e vem e vem e vai!
E tudo tem aquele caráter impressivo que faz meditar:
Enterrar a pé ou a carroacinha de leite puxada por um bodezinho manhoso.
Nem falta um murmúrio de água, para sugerir, pela voz dos [símbolos,
Que a vida passa! que a vida passa!
E a mocidade vai acabar.

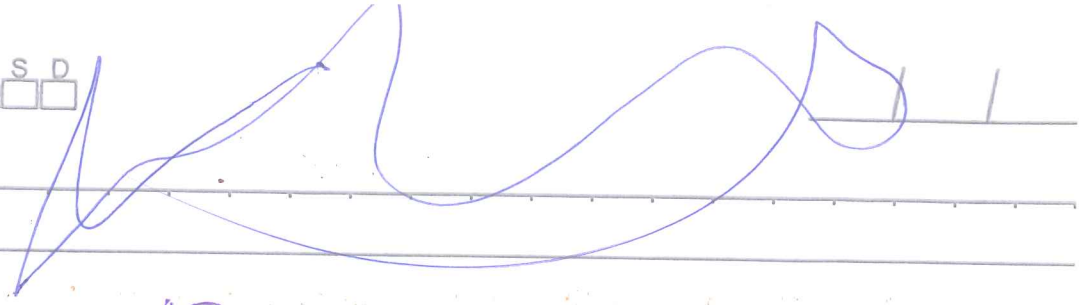
Manuel Bandeira (Petrópolis/1921)

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 243
Visto

S I Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 244
Visto

S T Q Q S S D



"Pensão Familiar"

Jardim da pensãozinha burguesa.
Gatos espapaçados ao sol.
A tiririca sitia os canteiros chatos.
O sol acaba de crestar as boninas que murcharam.
Os girassóis
amarelos!
resistem.
E as dálias, rechonchudas, plebéias, dominicais.

Um galinho faz pipi.
Com gestos de garçone de Restaurant Palace.
Encobre cuidadosamente a mijadinha.
Sai vibrando com elegância a patinha direita:
— É a única criatura fina na pensãozinha burguesa.

Manuel Bandeira / Petrópolis - 1925

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 245
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"Pneumotórax"

Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:
— Diga trinta e três.
— Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
— Respire.

. . . . . .

— O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
— Então, doutor não é possível tentar o pneumotórax?
— Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Manuel Bandeira

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 247
Visto

/ /

S T Q Q S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 248
Visto

S T Q Q S S D

/ /

O Suave Milagre

Quando cheguei, a tua casa abandonada
Tua casa colonial de telhas côncavas,
Tinha o aspecto infeliz de casa abandonada.

Tinha o ar de sofrer, numa funda saudade,
A dor fina e sem remissão da tua ausência,
Da tua adolescência e clara mocidade.

Não havia uma flor nas roseiras desertas,
E esse riso estival dos pátios gerânios
Na treva interior das janelas abertas.

A casa, hoje toda alegria hospitaleira,
Era uma casadinha a que uma mão sacrílega
Houvesse arrebatado a santa padroeira.

Mas a santa voltou na graça do milagre.
E sob influição de seu gesto silente
Abriram rosas, na graça do milagre
O jardim floriu miraculosamente...

Manuel Bandeira

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 249
Visto

Sulamericana

S I O O S S D

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 251
Visto

"Débussy"

Pará Para cá, para lá...
Para cá, para lá...
Um movelozinho de linha...
Para cá, para lá...
Para cá, para lá...
Oscila no ar pela mão de uma criança
(Vem e vai...)
Pare delicadamente e quase a adormecer o balança
— Psiu —
Para cá, para lá...
Para cá e...
— O movelozinho caiu.

Manuel Bandeira

"O Súcubo"

Quando em silêncio a casa adormecia e vinha
Ao meu quarto a aromada emanação dos matos,
Deslizáveis astuta, amorosa e daninha
Propinando na treva o absinto dos contatos.
Como se enlaça ao tronco a ondulação da vinha vinha,
Um por um despojando os fictícios recatos,
Estreitáveis-me cauta e essa pupila tinha
Fosforescências como a pupila dos gatos.
Todo em vós flamejava em instintiva fúria.
A garganta cruel arfava com luxúria.
O ventre era um covil de serpentes em cio...
Sem paixão, sem pudor, sem escrúpulos — éreis
Cão bela! e as vossas mãos, fontes de calafrios
Abrasavam-me no ardor tais das volúpias astúcias

Manuel Bandeira / (Teresópolis / 1912)

Sulamericana

"Poética"

S T Q Q S S D

/ /

Estou farto de lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor.

Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo

Abaixo os puristas
Todas as palavras sobre os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de excessão
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo.

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 253
Visto

De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-senos secretária do amante exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes maneiras de agradar às mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbados
O lirismo difícil e pungente dos bêbados
O lirismo dos clowns de Shakespeare

— Não quero mais saber do lirismo que não é libertação

Manuel Bandeira

Sulamericana

S I Q Q S S D

/ /

"O Descante de Arlequim"

A lua ainda não nasceu.
A escuridão propícia aos furtos,
Propícia aos furtos, como o meu,
De amores frívolos e curtos,

Estende o manto alcoviteiro
A cuja sombra, se quiseres
A mais ardente das mulheres
Terá o seu único parceiro.

Ei-lo. Sem glória e sem vintém,
Amando os vinhos e os baralhos,
Eu neste veste de retalhos,
Sou tudo quanto te convem.

Não se me dá do teu recato.
Antes, pulido pelo vício,
Sou fácil, acomodatício,
Agora beijo, agora bato,

Que importa? Ao menos o teu ser
Ao meu anátema corrupto
Esquecerá por um minuto
O pesadelo de viver...

E eu vagabundo sem idade,
Contra a moral e contra os códigos,
Dar-te-ei entre os meus braços pródigos
Um momento de eternidade...

Manuel Bandeira

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Mº. Pág. 255
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"Chama e fumo"

Amor — chama, e, depois, fumaça...
Medita no que vais fazer:
O fumo vem, a chama passa...

Gozo cruel, ventura escassa,
Dono do meu e do teu ser,
Amor — chama, e, depois, fumaça...

A cada par que à aurora embaça,
Como é pungente o entardecer!
O fumo vem, a chama passa...

Antes, todo ele é gosto e graça.
Amor, fogueira linda a arder!
Amor — chama, e, depois fumaça...

Porquanto, mal se satisfaça
(Como te poderei dizer?...),
O fumo vem, a chama passa...

A chama queima. O fumo embaça.
Tão triste que é! Mas... tem de ser...
Amor?... — chama, e, depois, fumaça:
O fumo vem, a chama passa...

(Manuel Bandeira) Teresópolis, 1911.

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 257
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

"A vida assim nos afeiçoa"

Se fosse dor tudo na vida,
Seria a morte o sumo bem.
Libertadora apetecida,
A alma ~~apetecida~~ dir-lhe-ia ansiosa: Vem!
A alma dir-lhe
"Quer para a bem-aventurança
"Leves de um mundo espiritual.
"A minha essência, onde a esperança
"Pôs o seu hálito vital;

"Quer, no mistério que te esconde,
"Tu sejas, tão-somente, o fim:
"— Olvido imperturbável, onde
"Não restará nada de mim!"

A vida assim nos afeiçoa
Prende. Antes fosse toda fel!
Que ao se mostrar às vezes boa,
Ela requinta, em ser cruel...

Manuel Bandeira

Nas horas que marcam fundo...
Feitas em cada um de nós
De eternidade de segundo,
Cuja saudade extingue a voz.

Ao nosso ouvido, embaladora,
A ama de todos os mortais,
A esperança prometedora,
Segreda coisas irreais.

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 259
Visto

E a vida vai tecendo laços
Quase impossíveis de romper
Tudo o que amamos são pedaços
Vivos do nosso próprio ser.

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"Dentro da Noite"

Dentro da noite a vida canta
E esgarça névoas ao luar...
Foca minguante e vale encanta
Morreu pecando alguma santa...
A água não pára de chorar.

Há um amavio esparso no ar...
Donde virá ternura tanta?
Vaina um sonejo singular
Dentro da noite...

Sinto no meu violão vibrar
A alma penada de uma infanta
Que definhou do mal do mal de amar...
Ouve... Diz-se-ia uma garganta.
Súplice, triste, a soluçar...
Dentro da noite...

Manuel Bandeira

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 261
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"Paráfrase de Ronsard"

Foi para vós que ontem colhi, senhora,
Este ramo de flores que ora envio.
Não no houvesse colhido e o vento e o frio
Tê-las-iam crestado antes da aurora.

Meditai nesse exemplo, que se agora
Não sei mais do que o vosso outro macio
Rosto nem boca de melhor feitio
A tudo a idade afeia sem demora.

Senhora, o tempo foge... o tempo foge...
Com pouco morreremos e amanhã
Já não seremos o que somos hoje...

Porque é que o vosso coração hesita?
O tempo foge... A vida é breve e é vã...
Por isso amai-me, enquanto sois bonita.

Manuel Bandeira

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 263
Visto

S T Q Q S S D

/ /

Cantilena"

"O solitude! O pauvrete!

O céu

O céu parece de algodão.
O dia morre. Chove tanto!
As minhas pálpebras estão
Como embrumadas pelo pranto.

Sinto-o descer devagarinho,
Cheio de mágoa e mansidão.
A minha testa quer carinho
E pede afago a minha mão.

Debalde o rio docemente
Canta a monótona canção:
Minhálma é um menino doente
Que a acalanta mais em vão.

A névoa baixa. A obscuridade
Cresce. Também no coração
Pesada névoa de saudade
Cai. Ó pobreza! Ó! Solidão!

Manuel Bandeira

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 265
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"Delírio"

Que será que desperta em mim neste momento
Uma inquietação ou é quase uma agonia?
Há um soluço lá fora... E o soluço do vento,
E parece sair de minha'lma sombria
Porque

Que me importa o passado? A minha natureza
Repugna essa volúpia enorme de saudade.
O meu passado, ruinaria sem beleza!
Eu abomino a tua escura soledade.

Porque, na solidão desta tarde que morre,
Sinto o pulso bater em pancadas de medo?...
Porque de instante a instante uma lembrança ocorre,
A que estremeço como a um terrível segredo?

O tempo... Horas de horror e tédio da memória
Ah, quem me reduziria ao minuto que passa,
— Fosse ele de paixão inerte e merencória,
Na solitude, no silêncio e na desgraça.

Manuel Bandeira

Porque pensei em minha mãe agonizante?
Por que me acode a voz daquele amigo morto?
Será a sombra da morte aquela nevoa errante,
E morrerei desamparado e sem conforto?..

Como a casa é deserta! E como a tarde é fria!
Plange cada vez mais o soluço do vento,
E parece sair de minha'lma sombria.
Desânimo... Desesperança... Desalento...

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 267
Visto

Mãos femininas... Mãos ou de amante ou de esposa,
Quem me dera sentir em minha árida fronte
O aroma que impregnais, tocando, em cada cousa...
A carícia da brisa... A frescura da fonte

Mas nenhum virá, no instante em que me morre,
Dar-me a consolação deste meu longo martírio.
Nenhuma escutará o grito de socorro
Do meu penoso, do meu trágico delírio

Sulamerican

S T Q Q S S D

/ /

"Um sorriso"

Vinha caindo a tarde.
Era um poente de agosto.
A sombra já cruzava as medas.

"Um sorriso"

Vinha caindo a tarde. Era um poente de agosto.
A sombra já cruzava as medas. A umidade
Aveludava o musgo. E tanta suavidade
Havia, de fazer chorar nesse sol-posto.

A viração do oceano acariciava o rosto
Como incorpóreas mãos. Fosse mágoa ou saudade,
Tu olhavas, sem ver, os vales e a cidade.

— Foi então que senti sorrir o meu desgosto...

Ao fundo o mar batia a crista dos escolhos...
Depois o céu... e mar e céus azuis: diria-se
Prolongarem a cor ingênua de teus olhos...

A paisagem ficou espiritualizada:
Tinha adquirido uma alma: É uma nova poesia
Desceu do céu, subiu do mar, cantou na estrada...

Manuel Bandeira

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 269
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

"A rosa"

A vista incerta,
Os ombros langues
Pierrot aperta
As mãos exangues
De encontro ao peito.

Alguma coisa
O punge ali
Que ele não ousa
Lançar de si,
O pobre doido!

Uma sombria
Rosa escarlata
Em agonia
Faz que lhe bata
O coração...

Sangrenta rosa
Que evoca a louca,
A voluptuosa
Volúvel boca
De sua amada...

Ah, com que mágoa
Com que desgosto
Dois fios d'água
Lavam-lhe o rosto
De faces lívidas!

Da veste branca
A larga túnica
Por fim arranca
A rosa púnica
Em um soluço.

E parecia;
Jogando ao chão
A flor sombria,
Que o coração
Ele arrancara!...

Manuel Bandeira

ACERVO ANTÔNIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 271
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

/ /

"A Silhueta"

Na sala obscura, onde branqueja
A mancha ebúrnea do teclado,
Morre e revive, expira, arqueja
O estribilho desesperado.

Um Pierrot de vestes de seda
Negra, ele próprio toca e canta.
O timbre mórmure segreda
Uma dor que sobe à garganta.

É uma tristeza de tal sorte
Vem nessa sobre voz humana,
Que se pensa em fugir na morte
A miséria cotidiana.

Como a voz, também a mão geme.
E na parede se debruça
A sombra pálida, que treme
De uma garganta que soluça...

Manuel Bandeira

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº Pág. 273
Visto

Sulamericana

S T Q Q S S D

"A Morte de Pã"

Quando aquele que o beijo infiel traira no Horto,
Desfaleceu na cruz das montanhas ao mar
Gemeu, com grande pranto e feio soluçar,
Uma voz que dizia: — "O grande Pã é morto!..

"Aquele deleitoso, alno viver absorto
"No amor da natureza augusta e familiar,
" O ledo rito antigo, outrem vem mudar
"Em doutrina de amargo e rudo desconforto.

" Faunos, morrei! Morrei, Dríades e Napéias!
" Oréades gentis, que a flauta do Egipã
" Congraçava na relva em rondas em coréias,

" Morrei! Apague o vento os tenuíssimos laivos
" Dos ágeis pés sutis... Bosques desencantai-vos...
" Fontes do ermo, chorai que é morto o grande Pã!..."

Manuel Bandeira

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 275
Visto

Sulamericana

"Balada de Santa Maria Egipciaca

S T Q Q S S D

/ /

Santa Maria Egipciaca seguia
Em peregrinação a Terra do Senhor.

Caía o crepúsculo, e era como um triste sorriso de mártir.

Santa Maria Egipciaca chegou
À beira de um grande rio.
Era tão longe a outra margem!
E estava junto à ribanceira,
Num barco,
Um homem de olhar duro.

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 277
Visto

Santa Maria Egipciaca rogou:
— Leva-me ao outro lado.
Não tenho dinheiro, Senhor te abençoe.

O homem duro fitou-a sem dó.

Caía o crepúsculo, e era como um triste sorriso de mártir.

— Não tenho dinheiro. O Senhor te abençoe.
Leva-me ao outro lado.

O homem escarneceu: — Não tens dinheiro,
Mulher, mas tens teu corpo. Dá-me o teu corpo, e vou levar-te.

E fez um gesto. E a santa sorriu,
Na graça divina, ao gesto que ele fez.

Santa Maria Egipciaca despiu
O manto, e entregou ao barqueiro
A santidade de sua nudez.

Manuel Bandeira

Sulamericana

ACERVO ANTÔNIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 278
Visto

Sulamericana

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 45 Nº. Pág. 278
Visto